

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Yasmin Wink Finger

Formação de leitores e bibliotecas comunitárias: um olhar à práxis emancipatória

Porto Alegre
2018

Yasmin Wink Finger

Formação de leitores e bibliotecas comunitárias: um olhar à práxis emancipatória

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel em
Biblioteconomia da Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi
Coorientadora: Ma. Ketlen Stueber

Porto Alegre
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretora: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Jeniffer Alves Cuty

Chefe Substituta: Eliane Lourdes da Silva Moro

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Coordenador substituto: Rene Faustino Gabriel Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

WINK FINGER, YASMIN
FORMAÇÃO DE LEITORES E BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS:
UM OLHAR À PRÁXIS EMANCIPATÓRIA / YASMIN WINK FINGER. -
- 2018.
100 f.
Orientadora: VALDIR JOSÉ MORIGI.

Coorientadora: KETLEN STUEBER.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. BIBLIOTECA COMUNITÁRIA. 2. FORMAÇÃO DE
LEITORES. 3. EMANCIPAÇÃO. I. MORIGI, VALDIR JOSÉ,
orient. II. STUEBER, KETLEN, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705.

CEP: 90035-007

Tel.: (51) 3308.2856 / (51) 3308.5138

Email: dc@ufrgs.br

Yasmin Wink Finger

**FORMAÇÃO DE LEITORES E BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS: UM OLHAR À
PRÁXIS EMANCIPATÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Biblioteconomia pela Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação, da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul.

Orientador: Prof. Dr. Valdir José Morigi.
Coorientadora: Prof^a M^a Ketlen Stueber.

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a M^a Marlise Maria Giovanaz

Bel. Luciana Kramer

LISTA DE SIGLAS

BRAPCI – Base de dados de Periódicos em Ciência da Informação

CI – Ciência da Informação

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ONG – Organização Não Governamental

RNBC – Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho às duas mulheres da minha vida que me ensinaram a viver: mãe e vó, que essas páginas transmitam todo o afeto e amor que sempre recebi de vocês. Mãe, obrigada por colocar minha educação sempre em primeiro lugar. Vó, sei que tu nunca saíste do meu lado, estás aqui comigo nesta jornada.

Aos companheiros que se debruçaram sobre este trabalho: meu muito obrigada! Querida Professora Ma. Ketlen, durante o último ano tive o privilégio de ser orientada por uma docente ética e comprometida com uma pesquisa que seja mais leve e amorosa. Obrigada por todas as conversas e dedicação. Professor Dr. Valdir, obrigada pelas palavras. Camila Alves, obrigada por me permitir descobrir um novo mundo. Luciana Kramer, obrigada pela escuta e o carinho de sempre.

Aos parceiros de bibliotecas comunitárias: sem vocês este trabalho não existiria. Na práxis vamos aprendendo juntos e espero contribuir um pouco com esta caminhada tão bela. Obrigada à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, Redes de Leitura, Cirandar, Biblioteca Comunitária do Arvoredo, Biblioteca Comunitária Girassol, Conceito Arte, Biblioteca Comunitária Ilê Ará. Vida longa às Bibliotecas Comunitárias do Brasil.

Em especial, às queridas Viviane Peixoto, Priscila Macedo, Themis Caneda, Camila Schoffen, Dona Benta, Samuel Oliveira, Greicy Souza, entre outras pessoas que de alguma forma participaram desta construção. Vocês me inspiram, espero que essas páginas se conectem à vocês. Agradeço também à todas as mulheres de luta, bibliotecárias, educadoras e estudantes de biblioteconomia que passaram pela minha trajetória.

Muito obrigada ao meu querido companheiro Tairon Coelho que se dedica a entender o universo da biblioteconomia para estar acompanhando meu caminho mais de perto. Agradeço também todas as minhas amigas e amigos incríveis que percorreram este caminho de braços abertos à me estender.

Este trabalho não seria possível sem todos vocês. Obrigada pela confiança!

Tudo que é imaginário tem, existe, é.
Estamira

RESUMO

O estudo apresenta como o conceito de emancipação contribui para a formação de leitores através das bibliotecas comunitárias. A questão de pesquisa levantada é: *como a biblioteca comunitária pode ser um espaço de emancipação dos cidadãos?* Este trabalho possui o objetivo de apresentar as diferentes narrativas dos atores que atuam e frequentam as bibliotecas comunitárias através da formação de leitores; mapear os processos emancipatórios que ocorrem nas bibliotecas comunitárias e; relacionar ações de formação de leitores com a práxis da emancipação. Estudo de abordagem qualitativa realiza-se através de entrevista com leitores, mediadores de leitura e observação de mediação da leitura e ações culturais em três bibliotecas comunitárias da cidade de Porto Alegre durante os meses de março a junho de 2018. Conclui que as bibliotecas comunitárias pesquisadas são espaços ativos na formação de leitores por meio de atividades que também promovem a troca de afetos, a formação da cidadania e da emancipação. Leitores e mediadores se identificam com diversos conceitos acerca do tema, principalmente na ideia de uma biblioteca que seja centro cultural. Sienta a importância do conceito de emancipação na conscientização de si próprio através da leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteca Comunitária. Formação de Leitores. Emancipação.

ABSTRACT

The study presents how the concept of emancipation contributes to the formation of readers through community libraries. The research question raised is: how the community library can be an emancipation space for citizens? This work aims to present the different narratives of the actors that act and attend the community libraries through the formation of readers; map the emancipatory processes that occur in community libraries and; to relate actions of formation of readers with the praxis of emancipation. A qualitative study is carried out through interviews with readers, reading mediators and observation of reading mediation and cultural actions in three community libraries of the city of Porto Alegre during the months of March and June of 2018. It concludes that the community libraries researched are active spaces in the formation of readers through activities that also promote the exchange of affections, the formation of citizenship and emancipation. Readers and mediators identify with various concepts about the theme, especially the idea of a library that is a cultural center. Salient the importance of the concept of emancipation in self-awareness through reading

KEYWORDS: Community library. Formation of readers. Emancipation.

SUMÁRIO

1 PENSAMENTOS INTRODUTÓRIOS.....	10
2 O CAMINHO: A FORMAÇÃO DE LEITORES.....	14
3 O TERRITÓRIO: A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA	22
4 A UTOPIA: EMANCIPAÇÃO	27
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: MARCANDO ESPAÇOS E DESCREVENDO CAMINHOS	38
5.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	40
5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	41
6 POR ONDE ANDEI E O QUE VI.....	43
6.1 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA GIRASSOL	43
6.2 ILÊ ARÁ.....	46
6.3 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO ARVOREDO	51
7 QUEM CONHECI: O QUE DIZEM AS MEDIADORAS DE LEITURA E OS LEITORES	55
7.1 MEDIADORES DE LEITURA	55
7.1.1 Perguntas específicas.....	75
7.2 LEITORES.....	80
7.2.1 Entrevista com leitor da Biblioteca Comunitária Girassol.....	81
7.2.2 Entrevista com leitora da Biblioteca Comunitária do Arvoredo.....	83
8 COLCHA DE RETALHOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICE A – ENTREVISTA E DIÁRIO DE CAMPO.....	98
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	100

1 PENSAMENTOS INTRODUTÓRIOS

A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

O ofício do bibliotecário deveria ter como principal objetivo democratizar o acesso à informação. Seu conhecimento técnico e especializado sobre organização e fontes de informação, além da formação de leitores, reforçam seu papel em proporcionar o acesso à informação, à leitura e literatura. Este trabalho acredita neste objetivo, e desenvolve um encontro com conceitos que podem ser cada vez mais explorados na Ciência da Informação: formação de leitores para a emancipação crítica e cidadã. É possível perceber que o tema do trabalho - formação de leitores - é encontrado em debates sobre cidadania e biblioteca escolar, como se formar leitor fosse somente papel da escola ou apenas a ser realizado com crianças. Logo, a formação de leitores acaba se voltando somente ao público infantil e se aprofunda de forma rasa com outros públicos, provocando no bibliotecário certo receio em trabalhar com jovens, adultos e idosos.

Em contrapartida, há no Brasil, um movimento profundo e abrangente das bibliotecas comunitárias, atuantes principalmente nas periferias que desenvolvem a formação de leitores, a partir da perspectiva do direito humano à leitura. Esses movimentos lutam por políticas públicas à leitura e necessitam ser melhor aprofundadas por bibliotecários e pelas universidades.

É preciso estar atento ao trabalho de pessoas, que não são bibliotecárias, em territórios bibliotecas, e de que forma essas pessoas estão contribuindo para a formação de leitores no nosso país. Essa distância provavelmente se dá, pois a academia reconhece lentamente que a cultura não científica formada por práticas e saberes de origem não acadêmica deve estar presente nas universidades. Na área da Ciência da Informação, as relações entre o papel da biblioteca e as necessidades de um mundo mais justo precisam ser discutidas, considerando o papel do bibliotecário e da biblioteca para além da perspectiva técnico-administrativa.

Entretanto, Machado (2008) afirma que a biblioteca comunitária tem o “[..] objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao

livro com vistas a sua emancipação social”. Em busca de problematizar cada vez mais o sentido epistemológico das bibliotecas comunitárias, este trabalho foi em busca da relação do termo emancipação com as bibliotecas comunitárias.

Considerando o cenário atual brasileiro, com um golpe que retirou uma presidenta eleita democraticamente do poder, como também, a retirada de direitos dos trabalhadores, diversos cortes de gastos na educação, saúde e segurança, é preciso que nós, profissionais das ciências humanas, possamos estar alinhados à uma postura que tenha compromisso político e social. Neste contexto, a biblioteconomia e áreas afins, necessitam voltar-se para a formação de leitores enquanto um direito básico à leitura, à educação, mas principalmente, direito à voz, à dignidade, à cultura e ao sonho, essenciais aos valores humanísticos.

É neste cenário que este trabalho concebe a emancipação: como uma utopia a ser buscada por nós bibliotecários em nossas ações de formação de leitores. E dentro disso, busca-se questionar: *Como a biblioteca comunitária pode ser um espaço de emancipação dos cidadãos?* O objetivo geral deste estudo visa: Compreender como o conceito de emancipação contribui para a formação de leitores através das bibliotecas comunitárias. Enquanto que os objetivos específicos buscam:

- a) apresentar as diferentes narrativas dos atores que atuam e frequentam as bibliotecas comunitárias através da formação de leitores;
- b) mapear os processos emancipatórios que ocorrem nas bibliotecas comunitárias;
- c) relacionar ações de formação de leitores com a práxis da emancipação.

Estes objetivos foram identificados a partir da relação da autora com a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias e o Redes de Leitura - Rede de Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, onde atua há mais de dois anos. Este trabalho busca fortalecer o debate sobre bibliotecas comunitárias, a partir de aporte teórico encontrado em autores como Paulo Freire, Boaventura de Souza Santos, Michèle Petit, entre outros, promovendo o encontro entre as palavras de quem constrói os movimentos - aqui as bibliotecas comunitárias - e de quem os pensa epistemologicamente.

Um bibliotecário que tem compromisso político e ético com seu trabalho pode encontrar em autores de outras áreas conhecimentos que sustentem, epistemologicamente e na prática, suas atividades. Este trabalho acredita que quanto mais interdisciplinaridade a Ciência da Informação busca na construção de seus conceitos, maior é seu comprometimento com a prática biblioteconômica, considerando um profissional que dialoga diariamente a partir de saberes advindos de outras ciências como a psicologia, sociologia e educação.

Apesar deste cenário que evidencia a presença das bibliotecas comunitárias no Brasil, a falta de referencial na área da Ciência da Informação é evidente em pesquisas realizadas em bases de dados da área. Ao pesquisar o termo “biblioteca comunitária” na Brapci (Base de Dados de Periódicos da Ciência da Informação) foram encontrados 33 resultados, sendo apenas 22 tendo a biblioteca comunitária como tema ou objeto de estudo. Já no IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) foram encontrados 18 itens e no Benancib (26, sendo apenas 9 sobre a temática bibliotecas comunitárias¹.

Neste sentido, podemos afirmar que a falta de estudos sobre o tema refletem na carência acadêmica e científica sobre bibliotecas comunitárias. Nos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia, podemos perceber a falta de disciplinas que abordem esse tema ou que tenham conexão com formação de leitores, cultura e cidadania.

Em contrapartida, Elisa Machado, em sua tese “Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil” (2008), identifica o aumento gradativo de acadêmicos de biblioteconomia com interesse em realizar trabalhos nesta área no trabalho de conclusão de curso. Além disso, dentro do conceito de formação de leitores, diversos autores trabalham o processo de cidadania e emancipação a partir da leitura.

Em relação ao termo “emancipação”, a área da educação apresenta um cenário cada vez maior de debate por uma educação libertadora, tendo a leitura como um dos pilares deste processo. Neste sentido, a leitura e a literatura como um direito humano são cada vez mais necessárias para que se realize o processo educacional que seja libertador, emancipatório e crítico.

¹ Pesquisa realizada em junho de 2018.

Este trabalho sobre o tema formação de leitores e as bibliotecas comunitárias procura dialogar com a abordagem das Ciências Sociais, aproximando com os estudos da Ciência da Informação, tendo em vista serem áreas que se relacionam pela aproximação com o ser humano e suas relações. A estrutura deste Trabalho de Conclusão de Curso se dá em três momentos: o caminho, o território e a utopia. Assim, provocando um quadro em que a formação de leitores é o caminho para a utopia de uma sociedade que busca a emancipação dos indivíduos e tem a biblioteca comunitária como um território de transformação.

2 O CAMINHO: A FORMAÇÃO DE LEITORES

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff,
levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas,
esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.
E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor,
que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai:
– Me ajuda a olhar!*

Eduardo Galeano

Quando pensamos sobre o que é leitura nos vem em mente a leitura das palavras. No entanto, Prieto (1999) afirma que a leitura permeia todos os contatos humanos, pois ele se dá através dela. Neste sentido, ler, vai muito além de decifrar as letras. Ultrapassa os muros da escola e das casas. É da ordem do existir e do viver a vida.

O cotidiano é envolvido por leituras. Tatiane, educadora da Biblioteca Comunitária Ilê Ará, um dos espaços em que esta pesquisa se encontrou, comenta: “Eu era a professora da alfabetização de adultos e os idosos diziam que ser analfabeto era como ser cego. Eles não conseguiam pegar um ônibus, por exemplo”. Viver sem ler, como diziam os idosos que eram analfabetos, é como estar cego, pois cozinhar, andar, conversar, escutar, estes também são momentos de leitura. Ler é estar no mundo e não possível fazê-lo sem contexto. (FREIRE, 2011).

A leitura literária se faz presente por aproximar o homem de si mesmo, de tomar a sua palavra e de se reconhecer. Segundo Cândido (2011, p. 188) a literatura é uma necessidade de todos que “deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, liberta do caos e, portanto nos humaniza.” Para essa perspectiva, a leitura é um direito humano, garantindo o direito ao sonho.

De acordo com Cosson (2014, p.1) o letramento literário “[...] é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem.” Conforme o autor, por ser um processo se caracteriza por algo contínuo. Além disso, o autor explica ser um

processo de apropriação por relacionarmos constantemente com a nossa vida. Tomamos a palavra para si e damos o nosso contexto a ela.

A literatura enquanto linguagem é uma forma de produção de sentidos e pelo que já foi citado, é único, já que é apropriado por nós (COSSON, 2014). Segundo o autor o letramento literário só pode ser efetivado segundo esses princípios:

- a) Contato direto do leitor com a obra;
- b) Construção de uma comunidade de leitores;
- c) Ampliação do repertório literário;
- d) Atividades sistematizadas e contínuas direcionadas para o desenvolvimento da competência literária.

A partir desses princípios, percebemos a importância de três pontos na formação de leitores: um espaço mediador, leitura literária e mediação de leitura. Esses pontos podem ser muito variados, a partir do contexto em que estes leitores se encontram. De acordo com Garcia (2007, p. 44) um espaço mediador de leitura seria aquele

[...] que tem como suas principais características a democratização do acesso ao acervo; a facilitação do acesso e dos empréstimos; a originalidade e criatividade no modo de apresentar e “oferecer” o acervo aos leitores; a disponibilidade de levar o acervo até onde está o leitor e a disponibilidade dos mediadores de leitura, sempre muito presentes.

Assim, qualquer lugar pode ser um espaço mediador de leitura (um jardim, embaixo de uma árvore, um banco em uma praça, o espaço do trem), mas a biblioteca tem exatamente esta função. O autor ainda afirma que a biblioteca, deve estimular a leitura, facilitar o acesso (tendo livros infantis ao alcance das crianças), ser limpo, organizado, pouco burocrático e que instigue a curiosidade no mundo dos livros. Ele deve conversar com o leitor, provocando intimidade entre as palavras e as pessoas.

Neste sentido, a arte da palavra é fundamental na formação de leitores. É a partir dela que os indivíduos se reconhecem e olham seu universo a partir de outros olhares.

Nestes tempos, em que cada um é responsável, muito mais que no passado, por construir um o sentido de sua vida, sua identidade, ler serve talvez antes de tudo para elaborar sentido, dar forma a própria

experiência ou a sua arte da sobra, ou a sua verdade interior, secreta; para criar uma margem de manobra, ser um pouco mais sujeito de sua história; às vezes para reparar algo que foi partido na relação com essa história ou em relação com outro; para abrir um caminho até os territórios da fantasia sem os quais não há pensamento, não há criatividade. (PETIT, 2012, p. 46-47, tradução nossa)

De acordo com a autora, ler é como espaço a ser habitado por nós e por outros. Não lemos sozinhos, até porque, a escrita não é feita de forma individual, é um processo coletivo, seja com as pessoas através das memórias do autor ou em espaços de leitura compartilhada.

Os processos coletivos são ferramentas para uma educação que seja popular. Na mediação da leitura, o leitor não se encontra apenas com o livro, mas também com uma pessoa que tem o objetivo de ser a ponte entre eles - o mediador. Neste aspecto, o cantor Emicida (2017), mesmo sem querer, apresenta uma excelente metáfora sobre mediação de leitura: "Somos todos concreto, uns escolhem ser muro, outros ponte".

O mediador de leitura é um agente que tem a tarefa de mediar as palavras escritas com as do mundo, apostando sempre na literatura. "Trata-se muitas vezes de pessoas engajadas em lutas sociais e para quem o acesso à cultura, ao conhecimento, à informação constitui um direito excessivamente desprezado" (PETIT, 2012, p. 28).

A mediação de leitura pode ser um muro, dependendo da forma como é realizada. Kaercher (2015) critica as propostas pedagógicas escolares que não procuram reconhecer as experiências literárias dos alunos anterior à escola. Como se o educando chegasse à escola sem nenhum contato com a leitura do mundo, das ilustrações e das imagens. A autora ainda questiona as contações de histórias, em que ocorre

[...] a centralidade do adulto (professora ou bibliotecária contam, a uniformidade das práticas (o mesmo texto é contado no mesmo momento a todos, que o ouvem quietos e na mesma posição - em círculos). [...] essas práticas pressupõem interesses de leitura iguais, envolvimento com a leitura e o livro iguais, enfim, pressupõem sujeitos dóceis, posicionados para ouvir, em silêncio, "mais do mesmo"....Somos iguais na infância? Desejamos as mesmas coisas? Nosso corpo é dócil e facilmente moldado às ações pedagógicas? Há espaços de fuga, pelos quais as crianças podem "escapar" e exercer, enfim, alguma escolha? (KAERCHER, 2015, p. 104).

Neste aspecto é relevante questionarmos a forma como ocorre a contação de histórias, que muitas vezes dá mais protagonismo para o contador e menos para o livro ou a história. No entanto, as histórias contadas na cultura africana e indígena são realizadas em círculo, com um adulto contando aos outros, e são espaços de tradição, mas também de memória e imaginação.

A crítica neste caso, está no silenciamento da palavra do outro. O corpo dócil que fala Kaercher é esse corpo que não permite se expressar, mesmo a literatura sendo a arte das palavras que se formam a partir das nossas emoções. Para a poeta Conceição Evaristo, a literatura é força.

Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara (EVARISTO, 2017, p.1).

Palavra como força, como potência, permite atravessar as durezas da vida, que são muitas vezes preconceitos estruturais em nossa sociedade, sendo históricos, como o racismo e o machismo. Palavra também como afeto, que Espinoza a partir de Jesus (2015, p. 165) corresponde às “[...] afecções do corpo pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”. Para o autor o afeto ocorre no corpo e na mente, e a maneira como somos afetados define nossas formas de agir. Por exemplo, se somos afetados por tristeza a nossa capacidade de agir diminui. Neste caso, o afeto é fundamental para ações de formação de leitores, tendo em vista que é potência para o agir.

Nesse sentido, a leitura literária proporciona vínculos importantes para a prática de processos democráticos, como a escrita autoral. E como é este leitor que tanto falamos? Para Freire (2011) o leitor que queremos é aquele que lê entre as linhas. Britto (2013) também salienta que é preciso ler além do que está escrito, pois com as palavras, o leitor interpreta seu próprio mundo.

Para além da interpretação do leitor, Britto (2015) aponta a importância do exercício da criatividade, promovendo a liberdade para tomar a palavra do outro e apresentar a sua palavra. Outro aspecto trazido pelo autor se refere à crítica. Segundo Britto (2015), o leitor irá encontrar diversos textos que vão divergir com seu

olhar ao mundo e é preciso ele estar atento de que essas compreensões são históricas.

[...] o desafio maior na formação do leitor está exatamente em produzir um ambiente e um movimento em que, confrontando-se com objetos estranhos ou estranhando os objetos conhecidos, possamos progressivamente ampliar a crítica, a liberdade e a criatividade em nossas ações e escolhas. (BRITTO, 2015, p. 50).

Este processo de leitura e releitura é crucial para o exercício da cidadania e do rompimento de barreiras construídos pela cultura hegemônica. A literatura é um direito humano. É através dela que o ser humano transforma e decodifica seu mundo, “a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (CANDIDO, 2011, p. 112).

No andar psíquico da literatura, Petit (2012, p. 130) apresenta mediadores de leitura e suas palavras sobre estes assuntos, em que “puderam, a partir das leituras, e particularmente da literatura, fazer reviver um discurso nos casos em que os psicólogos haviam falhado”. A literatura contribui para a ordem da emoção, do sentimento e do afeto, possibilitando o conciliamento com o próprio ser interior, trazendo um valor poético à existência. “Tornando-se leitor, cada um passa a ser ator e autor da própria vida, formulando o seu próprio texto” (PETIT, 2012, p. 130). O livro como um objeto é extensão da imaginação e da memória (BORGES, 2002).

Pois é a partir da compreensão do que está ao nosso redor que podemos propor as mudanças para ele. “Quem não sabe a si não se transforma e não transforma a fôrma. Quem não se vê e não se relaciona dentro de um contexto não vai alterá-lo” (MILANESI, 1986, p. 193).

Neste momento do trabalho, olharemos para Azevedo (2008) e seus paradigmas. Segundo o autor, as afirmações exacerbadas, e ao mesmo tempo vazias, em relação ao livro e leitura tem provocado um distanciamento do que é formar leitores. Os oito paradigmas demarcados pelo autor encontram-se naturalizados na cultura contemporânea, marcada pelo individualismo e o consumo, colocando a literatura em segundo plano.

De acordo com Azevedo (2008) o primeiro paradigma é: **a valorização da ação individual**. Tendo em vista que a leitura é vista, em sua forma tradicional, como algo a ser feito de forma solitária, Petit (2012, p. 156) ressalta, acerca dos

clubes de leitura: “Para além da amizade, é um aprendizado da democracia, da tolerância”. E ainda, “Para os fundadores do projeto, a conversa era uma das ferramentas mais potentes para promover a leitura” (PETIT, 2012, p. 159).

Nos clubes de leitura, a importância do mediador que “faz a pergunta” é fundamental para a interrogação inicial e o desenvolvimento do diálogo. Neste aspecto, Britto (2015) ao trabalhar a questão da autonomia, afirma que a leitura que seria de “livre escolha” está condicionada por fatores inconscientes de quem a faz, ou seja, o educador (seja ele professor, mediador de leitura, contador de histórias) tem um comprometimento político e o dever de apresentar novos caminhos a esse leitor, pois

[...] a autonomia só se realiza efetivamente na medida em que o sujeito se apropria das formas de ser e de fazer no mundo, e reconhecendo-se como sujeito de ser de direito, reivindica para si o poder de tomar as decisões relativas à sua vida. (BRITTO, 2015, p. 43).

O leitor autônomo seria aquele que dispõe da possibilidade de controlar fatores, desejos e emoções e realizar uma escolha, a partir de suas experiências leitoras (BRITTO, 2015). Tendo em vista que este leitor lê a palavra do outro, a codifica e a transforma a partir de sua leitura e suas vivências, a partir do movimento de que nem tudo que lê acredita, pois tudo critica.

O segundo paradigma analisa a **valorização do pensamento analítico, reflexivo e crítico**. Neste aspecto, o autor salienta que descontextualizar provoca a generalização (AZEVEDO, 2008), e por consequência podemos citar as decisões e processos pouco empáticos que os indivíduos acabam por realizar. Freire (2011) afirma que não é possível educar sem contextualizar, pois não provoca sentido ao educando. No contexto das bibliotecas, podemos apresentar a necessidade cada vez maior de livros que condizem com a realidade de determinada comunidade, como literatura africana, literatura marginal e livros de saúde e artesanato.

Em sequência, como terceiro paradigma, o autor traz a **valorização do pensamento descontextualizado que busca estabelecer conceitos e princípios gerais e universais**, provocando a análise do que é considerado útil e inútil, evidenciando que em nosso tempo, as artes e o lazer são consideradas coisas

inúteis, pois não é produtivo. Dentro deste aspecto, a leitura de um livro literário é considerada inútil, pois não produz nada.

O quarto paradigma aborda a **imparcialidade**, um mito que acredita na possibilidade de viver e realizar as atividades sem expressar suas emoções e sentimentos. Sendo seres políticos, não podemos ser imparciais. O bibliotecário, até mesmo na escolha do acervo, pode realizar ações que sejam denominadas de censura de livros, pois ele está fazendo escolhas e descartando outras.

Em quinto, o autor rejeita o **utilitarismo e a necessidade das leituras técnicas e funcionalistas**. De acordo com Azevedo (2015, p. 17) “talvez as coisas mais relevantes da vida sejam justamente aquelas que não têm função alguma”. A visão de que a pessoa que está lendo ou assistindo um filme ou até mesmo conversando com as pessoas não está fazendo “nada”, provoca uma distância do subjetivo e da arte. Na escola isto está muito presente, já na biblioteca muitas pessoas vão justamente para se distrair e procurar encontrar um caminho de subjetividade.

O sexto paradigma traz a **laicização, com a valorização do que é científico**. No que diz respeito ao sétimo paradigma, Azevedo apresenta a **valorização da inovação, a busca da originalidade**, neste caso se atentando muito ao futuro e pouco às realidades, muitas brutais, que vivemos no dia-a-dia. Este paradigma se relaciona com Santos (2007), que acredita vivermos sempre pensando o futuro, e pouco o presente. Não acreditando que podemos mudar o hoje, deixamos para o amanhã, nas mãos da próxima geração.

O oitavo e último paradigma refere-se ao **evolucionismo**, levando à crença de que estamos sempre em um processo de desenvolvimento para o melhor e que as próximas gerações têm o poder de mudar o mundo.

Por fim, Azevedo (2008) conclui que podemos sonhar com uma educação que busca:

- a) A integração do sujeito aos problemas de sua sociedade;
- b) A formação do cidadão político;
- c) A formação do cidadão que saiba pensar e se exprimir livremente;
- d) A formação de pessoas que busquem o autoconhecimento sem deixar de compreender a necessidade do respeito ao Outro;

- e) A formação de pessoas com pensamento crítico, capazes não só de situar-se histórica e culturalmente, mas também de discutir a respeito dos paradigmas e valores de sua sociedade;
- f) A formação de pessoas que saibam refletir tendo em vista o aperfeiçoamento social e o fortalecimento da sociedade civil;
- g) Em suma, uma escola que sirva como agente da emancipação intelectual do estudante.

Ou seja, formar leitores é um ato político que tem como utopia, indivíduos que critiquem seus mundos, respeitem as individualidades dos outros e busquem construir em conjunto uma sociedade mais justa. A escola é um espaço importante nesta construção, mas não é a única, considerando a importância de espaços não formais de educação, a biblioteca comunitária, nos dias de hoje, é um destes espaços.

3 O TERRITÓRIO: A BIBLIOTECA COMUNITÁRIA

Em nossa música, de Jean-Luc Godard, vemos a ponte de Mostar sendo reconstruída graças à Unesco. E ouvimos o diretor dizer a uma jovem que lhe perguntara por que as revoluções não são feitas pelos homens mais humanos: “Por que?” Por que os homens mais humanos não fazem revoluções, senhorita. Eles fazem...bibliotecas, por exemplo.”

Michèle Petit

A literatura é um direito humano que permite o indivíduo se reconhecer no mundo, criar laços, externalizar sentimentos, mas que, infelizmente, ainda é um privilégio aos que têm maior poder aquisitivo. Na luta a favor da democratização do acesso à informação, surgem as bibliotecas comunitárias.

No âmbito da Ciência da Informação, a biblioteca comunitária é a tipologia menos pesquisada. Além de ser pouco aprofundada, existem discursos confusos e que pouco condizem com a vivência desses espaços. No entanto, elas são muitas e realizam trabalhos fundamentais na democratização do acesso ao livro no nosso país em locais em que as bibliotecas públicas e escolares não chegam.

Apesar do cenário com poucas referências, as pesquisas científicas sobre bibliotecas comunitárias avançam a cada ano, principalmente com alunos de graduação. Segundo Machado (2008),

[...] recentemente percebemos que a universidade vem estimulando a produção de trabalhos de conclusão de curso sobre o assunto, o que demonstra uma crescente curiosidade por parte de jovens alunos de cursos de Biblioteconomia em entender qual o papel das bibliotecas comunitárias na democratização da informação, nos processos de desenvolvimento local e de transformação social. (MACHADO, 2008, p.55).

Este dado foi de 2008, no entanto, nas pesquisas realizadas para este trabalho, foi possível confirmar que a cada ano novos trabalhos são realizados, seja com a análise de uma biblioteca comunitária, a ética do profissional, a análise conceitual do termo, o papel do bibliotecário, entre outros temas de grande importância para a área.

O termo biblioteca comunitária foi utilizado pela primeira vez no Brasil por Carminda Nogueira de Castro Ferreira, em 1978, no texto “Biblioteca Pública é Biblioteca Escolar?”, no qual a autora chega à conclusão, após análise de uma experiência norte-americana, de que “em condições especiais, aceita-se a fusão das duas bibliotecas numa só: a Biblioteca Comunitária.” (FERREIRA, 1978).

Cabe destacar a tese de doutorado da bibliotecária Elisa Campos Machado (2008) “Bibliotecas Comunitárias como prática social no Brasil”. A autora identifica 350 bibliotecas comunitárias no Brasil e propõe um conceito, como sendo

[...] um projeto social autônomo que tem por objetivo estabelecer-se como entidade autônoma, sem vínculo direto com instituições governamentais, articuladas com as instâncias públicas e privadas locais, lideradas por um grupo organizado de pessoas, com o objetivo comum de ampliar o acesso da comunidade à informação, à leitura e ao livro com vistas a sua emancipação social. (MACHADO, 2008, p.64).

Em uma área que as bibliotecas comunitárias têm dificuldade de reconhecimento, é fundamental que tenhamos um conceito base que abrange a todas. Porém, ainda há uma dificuldade de diferenciar a biblioteca comunitária da biblioteca popular e também da biblioteca pública. Neste sentido, Machado (2008, p. 58) defende que, diferentemente das bibliotecas comunitárias, as quais atuam autônomas de instituições governamentais, as públicas. “No Brasil são criadas por leis estaduais e municipais e possuem vínculo direto com um órgão governamental, Estado, Município ou Federação, os quais respondem por sua manutenção por meio de recursos humanos, financeiros e materiais.”

A pluralidade é forte característica das bibliotecas comunitárias brasileiras, podendo ser encontradas em centros urbanos, zonas rurais, zonas periféricas e também em zonas nobres de grandes cidades. Sua criação pode ser a partir de iniciativas individuais, coletivas, principalmente por jovens da comunidade, ou até mesmo, coletivas externas à comunidade, como instituições religiosas, caso da Biblioteca Ilê Ará em Porto Alegre, ou ONGs e projetos sociais como a ONG Cirandar de Porto Alegre, Instituto Ecofuturo, Projeto Casulo, entre outros.

Apesar dessa pluralidade, todos esses espaços atuam na democratização do acesso ao livro e no incentivo a leitura, promovendo ações que valorizem o livro e a literatura, articulando outras expressões artísticas. Segundo a rede de bibliotecas

comunitárias de Porto Alegre, o Redes de Leitura, que atua em conjunto com oito entidades desde 2008,

[...] podemos perceber que a leitura é uma forma de conhecimento do mundo e do indivíduo, e que com diferentes atividades, podemos propiciar para todos, novas maneiras de ver o mundo, bem como estimular a imaginação, as percepções e as manifestações, sejam de forma oral ou por meio de criações artísticas. Neste sentido, a leitura torna-se um motor para o desenvolvimento de novas habilidades e novos meios de interação. (REDES DE LEITURA, 2014, p.27).

As bibliotecas comunitárias têm “[...] um caráter educacional e cultural [...]” (MACHADO, 2008), mas não pedagógico. De acordo com seus serviços, ela não difere muito de outras tipologias de bibliotecas públicas.

Uma biblioteca comunitária deve assegurar à sua comunidade atendimento diário, com horários pré estabelecidos e divulgados. No que se refere ao atendimento, a biblioteca/espço de leitura deve ter, além do empréstimo de livros e consulta local, programação com atividades e eventos de incentivo à leitura, ao livro e a produção literária, como: seminários, rodas de leitura, concursos literários, mediações de leitura, saraus, encontros com escritor, entre outras formas de integração cultural, revelando-se como um centro de referência cultural da comunidade. (PLANO MUNICIPAL DO LIVRO E LEITURA DE PORTO ALEGRE, 2012, p.1).

Essas ações têm um grande público e podemos dizer que é neste aspecto que as bibliotecas comunitárias se diferenciam das demais tipologias de bibliotecas públicas. O público voluntário é quem faz a biblioteca. Muitas vezes é ele quem pede pelo espaço em sua comunidade, participa dos processos de gestão e contribui diretamente para todo o funcionamento da biblioteca. Considerando a biblioteca comunitária como espaço cultural, em que sua forma de atuação está “muito mais ligada à ação cultural do que aos serviços de organização e tratamento da informação (MACHADO, 2008). Pois,

os espaços culturais quase sempre estão localizados nos centros das cidades, em locais de fácil acesso. No entanto, o homem periférico não é atraído por ele. Frequenta a praça, uma vez que ela não sendo de ninguém, é de todos. A cultura tem sono. É mais um templo para iniciados do que um espaço acolhedor e estimulante (MILANESI, 1997, p. 164).

Um espaço cultural, um encontro com a literatura e outras linguagens. A biblioteca deixa de ser “depósito de livros” ou “espaço de conhecimento” para ser educação, segurança, saúde e cultura.

[...] no caso desta biblioteca, em particular, as pessoas que frequentam não buscam apenas leituras de textos verbais, como também espaços de encontro com outras pessoas da mesma comunidade, momentos de aprendizagem de certas artes – tal como o grafite, a tapeçaria, a pintura. Elas buscam também informação: não é raro ver alguns senhores dirigindo-se à biblioteca para ler os jornais diários, ou senhoras pesquisando receitas culinárias, ou ainda estudantes buscando suporte para suas pesquisas escolares e temas de casa. Elas encontram neste ambiente um lugar seguro para deixar os seus filhos enquanto saem para realizar algum trabalho. (MASSOLA, 2011, P. 131)

A biblioteca comunitária é um espaço de efervescência cultural e de encontro entre os moradores, no qual a leitura é mediada utilizando diversas linguagens e propostas. Neste sentido, a bibliotecária da rede de bibliotecas comunitárias de Porto Alegre - Redes de Leitura afirma que,

[...] a concepção da mediação de leitura na biblioteca comunitária tem o objetivo de formação do leitor literário. Utiliza-se apenas o livro para o momento da mediação, a leitura é com as palavras exatas do escritor, sem mudanças de voz, por este motivo a seleção do autor é muito importante. É preciso que tenha elementos linguísticos onde a criança consiga criar uma linha no imaginário de tempo e espaço da história. A escolha do ilustrador também é fundamental para que o leitor possa viajar no mundo imaginário da história. Pra isso nós utilizamos a ilustração do autor, em contrapartida a objetos, como bonecos e fantoches, que tenham outras referências. Na biblioteca comunitária o livro é o protagonista da mediação e não tem o objetivo de apenas entreter e sim de levar o leitor para o imaginário da história. (TRESSINO, 2017).

O leitor aprende por si próprio a apreciar o texto e a ilustração, usa a sua imaginação para compor a situação e construir o universo da história. O Manual de Procedimentos do Redes de Leitura (2014) aponta como deve ser a seleção do acervo, em que é necessário “responder aos interesses e à curiosidade da comunidade atendida pela biblioteca”. Portanto, o mediador precisa estar atento aos desejos dos leitores, intervindo também com sua observação. Nas bibliotecas do Redes de Leitura é possível perceber livros de acordo com a comunidade em que a

biblioteca se encontra, como literatura afro-brasileira, literatura periférica, livros de artes, entre outros.

Esta experiência de mediação, relatada por Tressino (2017), reflete um momento de afeto com o livro e os leitores. Este afeto com a mediação de leitura pode ser realizado “através do exemplo, da oportunidade, do estímulo, da doação e da valorização” (GARCIA, 2007). A biblioteca como um espaço de leitura e de encontro.

No Brasil, um movimento muito forte que ocorre há alguns anos são as Redes de Bibliotecas Comunitárias. Através de investimento do Instituto C&A desde 2006, a partir do Programa Prazer em Ler, essas redes se consolidam e atuam juntas em prol da leitura em diversas regiões do Brasil.

Essas redes de bibliotecas organizaram em 2015 a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, “[...] um coletivo que atua em várias cidades do país com a promoção da leitura através da incidência em políticas públicas em âmbito municipal, estadual e nacional.” (REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS, 2016). Essa iniciativa, que conta com 115 bibliotecas, tem o objetivo principal de fortalecer as bibliotecas na luta por políticas públicas na área do livro e leitura.

Essas políticas públicas receberam nos últimos anos uma valorização com a crescente luta pelo Plano Nacional do Livro e Leitura, que atualmente está em espera para aprovação no senado. Elas são fundamentais para que esses espaços sejam reconhecimentos, tenham leis que promovam o investimento na área e sejam regulamentados.

4 A UTOPIA: EMANCIPAÇÃO

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.

Fernando Birri

Inicia-se este capítulo com as palavras de Fernando Birri, conhecidas pelos livros de Eduardo Galeano, que fala sobre o direito de sonhar e de delirar. Neste trabalho, a emancipação nos faz caminhar em busca de uma sociedade democrática e de equidade, em que a leitura seja um direito humano a todos e não mais um privilégio. A seguir seu conceito em uma perspectiva político-pedagógica.

Este trabalho compreende a práxis de acordo com o Dicionário de Paulo Freire (ROSSATO, 2015, p. 407) o qual afirma que “pode ser compreendida com a relação estreita que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida, e a consequência prática que provém desta compreensão, conduzindo a uma ação transformadora”.

O termo “emancipação” é utilizado em diversos campos do conhecimento – Filosofia, Política, Sociologia, Direito, Educação, Saúde entre outros. Na perspectiva de que “A educação, sozinha, não tem condições de construir uma sociedade emancipada” (MOREIRA, 2015, p. 146), apresento análises sociais, políticas e pedagógicas da práxis emancipatória.

Pogrebinschi (2004, p. 8) relata em seu trabalho que o conceito de emancipação, na maioria dos estudos acadêmicos se ocupa em trabalhar com os conceitos de liberdade ou a igualdade, mas “são raros os que se ocupam objetivamente em lidar com o conceito de emancipação”. De acordo com a pesquisadora, o conceito de emancipação (2004, p. 15) “deve deixar de ser encarado com um ato para constituir-se em processo; não deve ser tomado como culminância desse processo, mas como sua fundação”.

Neste sentido, a emancipação como fundação seria tomar como princípio de um projeto - biblioteca comunitária - uma práxis emancipatória, e não apenas percebê-la como um fim em si mesmo, mas como um conceito comum e identitário, em que todo o projeto se molda a partir dele.

No aspecto da palavra em si, o termo latino *emancipatio* deriva de *emancipare* ou *ex manus capere*, que significa, literalmente, “tomar das mãos”, tendo relação, na antiguidade, com a emancipação jurídica dos filhos pelos pais na Roma antiga, podendo ser chamada de uma “autonomia legal” (BIANCHI, 2017, p.3). Podemos perceber, neste sentido, uma relação de poder entre quem tem o direito sobre quem. Como se a emancipação fosse um fim a ser dado à alguém.

No curso da história encontramos Karl Marx que distingue dois tipos de emancipação: a emancipação política e a emancipação humana. Sendo que a primeira seria um passo para a conquista da segunda. A liberdade seria um caminho para eliminação dos obstáculos - por exemplo, as melhores condições de trabalho dos assalariados - para este princípio de emancipação.

De acordo com Tonet (2005), a cidadania em Marx é um processo da emancipação política. Segundo Marx, não importa quantos direitos o ser humano tenha, a desigualdade social do sistema capitalista nunca será inteiramente eliminada. Em conexão ao sentido de cidadania plena, um ponto central da emancipação em Marx é a superação da alienação,

[...] o modo de superação do estado de alienação pressupõe a emancipação como uma ação revolucionária que compreende um ato de natureza política ao se desvencilhar da propriedade, ao se constituir um indivíduo independente e cidadão, pessoa moral que alcança o poder político da produção sem a regulação do Estado e mercado. (JEZINE, 2016, p. 18).

Neste sentido, o indivíduo tem o poder de tomar para si sua palavra e utilizá-la lutando por sua emancipação, considerando a vivência dentro de um sistema capitalista, em que a desigualdade social nunca deixará de existir, ou seja, a emancipação nunca será plena. Por isso, sonhamos com uma sociedade que leia, pois assim como educar, emancipar-se é um ato político e está conectado com as ações filosóficas, sociais e humanas da sociedade em que o indivíduo vive.

Para Britto (2008) a literatura é a contracorrente deste discurso de manutenção do poder, pois “A literatura constitui a possibilidade de uma pessoa ou de um coletivo de pessoas de pensar a vida delas, os modos de ser e estar no mundo [...] representa, para Calvino, uma forma de (re)conhecer-se no mundo, na vida”. E assim, na possibilidade de reconhecer-se como sujeito histórico, o indivíduo pode perceber sua potência de transformação de sua realidade, em contrapartida

com a ideia alienadora de que “as coisas devem ser como são e esse é o destino da humanidade e de cada pessoa, e não a sua dimensão maior histórica de fazer-se humana”.

Com origem no pensamento de Marx, surge a Escola de Frankfurt, no início do século XX, criadora da Teoria Crítica, a qual têm interesse pelas condições emancipatórias socialmente existentes. Através de autores como Adorno, Horkheimer, esta teoria é um reexame do marxismo e uma postura teórica do campo das ciências sociais.

Esta teoria tem como princípios a orientação para emancipação e o comportamento crítico. Assim, a emancipação perpassa por uma pluralidade de perspectivas. Podemos definir alguns pontos chave da Teoria Crítica (PUCCI, 1994) para emancipação:

- a) a defesa da formação cultural como força política, questionando a indústria cultural;
- b) auto-reflexão crítica: potencial educativo do retomar, do pensar e repensar;
- c) luta contra a desbarbarização (fascismo) através da conscientização, do afeto e da reflexão e;
- d) os esclarecimentos dos espaços sombrios do passado e o papel dos intelectuais.

De acordo com o capítulo anterior, percebemos que o objetivo da biblioteca comunitária está muito relacionado com estes pontos. Tendo em vista a formação cultural e o diálogo com as linguagens artísticas; a crítica, o diálogo, o afeto e a reflexão.

Outro ponto chave, trazido por Adorno (2006), é a conscientização, que desperta a crítica e o esclarecimento das ideias. Sua proposta de educação se aproxima dos conceitos de Freire, tendo como princípios uma educação,

[...] evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar, mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser

imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado. Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. (ADORNO, 2006, p 141).

Para o autor, não existe democracia sem sujeitos emancipados, que tomam decisões conscientes e autônomas. A consciência artística é como um instrumento de negação do mundo administrativo, tecnicista, quantitativo, ou seja, da Razão Instrumental.

Para Freire (1979) o ato de conscientização não pode estar desconectado da práxis, ou seja, o ato de ação-reflexão-ação. Desta maneira, desvelar a realidade é uma utopia proposta por ações com o objetivo de conscientização, tendo em vista que “quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (FREIRE, 1979, p. 16).

Conscientização é tomar posse da realidade, é um compromisso histórico e político com nossa sociedade. A conscientização para Freire, assim como para Adorno, deve ser a partir da revolução cultural. Ações que promovam a cultura, através da liberdade e do diálogo.

Freire (1979) aponta para a importância de superação de uma conscientização que não seja ingênua e dominada, tendo em vista as sociedades latino americanas, colonizadas pelo Norte, que mantém uma dominação econômica e cultural destes países. “Quanto mais alienadas se encontram essas minorias urbanas, mais se esforçam para por negar suas raízes, para olvidar ou não aprender nunca a língua de seu povo definido como dialeto pelo colonizador, como algo pobre e inferior.” (FREIRE, 2013, p.109).

Um fato que comprova este tipo de consciência é uma pesquisa realizada pelo Instituto britânico Ipsos Mori, em 2017, onde o Brasil é o 2º país com menos percepção de sua realidade. “Segundo pesquisa realizada em 38 nações para avaliar o conhecimento geral e a interpretação que as pessoas fazem sobre o país em que vivem.” (CALEGARI, 2017, p. 1). Podemos perceber estes resultados nos acontecimentos políticos dos últimos anos, que evidenciaram uma classe média elitista que acredita na Ditadura como um caminho para mais segurança nas ruas.

Podemos realizar esta comparação às pesquisas sobre leitura no Brasil. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2016) a cada ano apresenta um cenário que leva ao senso comum de que “o brasileiro não lê”. No entanto, as pesquisas cada vez mais apresentam um número maior de leitores no Brasil. Em 2011 éramos 50%, em 2015 56%. Neste contexto, Marques Neto (2016, p. 1) afirma “Eu costumo responder a essa observação com uma contestação: “brasileiro não lê porque não tem acesso à leitura” ou “brasileiro não lê porque ainda não conquistou o seu direito à leitura”. Deste modo, o brasileiro percebe a importância da leitura ao seu redor?

Um termo intimamente relacionado com conscientização é o *empoderamento*. (GUARESCHI, 2015). Freire foi o autor que adaptou o termo “empowerment” para o português (FREITAS, 2016) e deu ao conceito um significado muito diferente da tradução do inglês. Para ele, empoderamento é o momento em que

a tomada de consciência confere determinado poder as pessoas (e grupos), gerando por um lado, a partir dos próprios sujeitos-agentes. Ele não é dado, muito pelo contrário, ele é resultado de uma práxis de reflexão e de inserção crítica das pessoas, provocadas pelos problemas ou pelas perguntas problematizadoras que os colocam em ação. A essência do processo pedagógico de Freire consiste em fazer a pergunta. (GUARESCHI, 2015, p. 187).

Para o autor é através da problematização da realidade de forma crítica que vamos nos conscientizando e “essa conscientização nos dá poder para transformar as relações sociais de dominação. Poder que leva a liberdade e a libertação” (GUARESCHI, 2015, p. 188).

Tendo em vista que para Freire (2007) a libertação é um ato social, o empoderamento precisa ser individual, para provocar um aumento da auto estima, auto confiança, aumento da capacidade de se sentir influente em um processo, mas também se faz no coletivo, no encontro com o outro, por meio de um processo participativo de várias pessoas que buscam um mesmo objetivo (BAQUERO, 2012),

Este processo se dá através da práxis da conscientização, pois “uma educação para a emancipação, concebida, conforme Freire, como ação cultural para a libertação, pode se constituir em instrumento valioso em projetos e ações direcionados ao empoderamento dos sujeitos” (BAQUERO, 2012). Neste aspecto, é

interessante apontar para a indignação com as realidades opressoras, sendo indignação como salto do indivíduo à coletividade (ZITKOSKI, 2015) que

consiste na capacidade de superar a dominação-domesticação, construindo uma consciência e buscando sua superação e a emancipação pessoal e social, transformando a realidade e lutando com a esperança de construir uma nova ordem e novas estruturas. (ROSSARIO, 2015, p. 164).

Este ponto se relaciona com o empoderamento individual e coletivo citado anteriormente. Nesta perspectiva, trazemos Decker (2010) que analisa três categorias de suporte para entender o conceito de emancipação por Freire: *ser-mais, radicalização e diálogo*.

O conceito de *ser-mais* de Freire está atrelado à busca do ser humano por educar-se em conjunto com os outros, de procurar uma emancipação com seus companheiros, relacionado com o empoderamento coletivo. Outro aspecto trazido por Freire a partir de Decker (2010, p. 100) é a radicalização, em que

[...] o homem radical na sua opção, não nega o direito do outro optar. Não pretende impor a sua opção. Dialoga sobre ela. Está convencido de seu acerto, mas respeita no outro o direito de também julgar-se certo. Tenta convencer e converter, e não esmagar o seu oponente. Tem o dever, contudo, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio. (FREIRE, 2007, p. 49)

A radicalização está principalmente relacionada com o rechaço à invasão cultural, aos aspectos de opressão cultural vindos do Norte. Por este motivo, a pedagogia radical de Freire incentiva o estudo da história do povo oprimido, com o objetivo de “descolonizar as mentes”.

O terceiro e último conceito abordado por Decker (2010) é o diálogo. Segundo ela, o diálogo é o caminho para dizer ao mundo como o vemos, pensamos e agimos. (2010, p. 108). O diálogo é central em toda a pedagogia de Freire, pois ele é “a força que impulsiona ao pensamento crítico-problematizador com relação a condição humana no mundo. “[...] através do diálogo que podemos dizer mundo. (ZITKOSKI, 2015, p. 152).

Estes três pontos dialogam com os conceitos trazidos até aqui sobre formação de leitores. A busca pela infinidade (o *ser-mais*) do ser humano encontrada

na literatura, a radicalidade em não aceitar apenas livros escritos por homens brancos europeus e a dialogicidade, ação fundamental para a formação de leitores que reflitam e critiquem o que leram, são aspectos que transpassam Freire e a formação de leitores.

Adentramos agora nas propostas de Boaventura de Souza Santos, o qual apresenta sua teoria baseada na reinvenção da emancipação. Segundo o autor, a partir de pesquisas em diversos países do Sul (África do Sul, Colômbia, Brasil, etc), necessitamos de um novo modo de produção de conhecimento e de uma nova configuração para as ciências sociais.

A teoria de Santos está centrada em propor alternativas à globalização neoliberal, questionando porque os conhecimentos que estão fora do eixo do Norte (países colonizadores) permanecem ausentes. “Muito do que não existe em nossa realidade é produzido ativamente como não existente, e por isso, a armadilha maior pra nós é reduzir a realidade ao que existe.” (SANTOS, 2007, p. 28). Ou seja, essa realidade reduz como ausente muito conhecimento que poderia estar presente em nossa realidade e a nossa visão de mundo está baseada nos conhecimentos de outros lugares, que seriam os hegemônicos.

Um exemplo disso se dá no cinema. Assistimos filmes norte-americanos em sua maioria e muitas vezes nos esquecemos da produção cinematográfica brasileira, que é muito rica e apresenta o que temos no Brasil.

Este modelo de razão ocidental é chamado por Santos de razão indolente, que é dividido em: razão metonímica e razão proléptica. No primeiro, toma a parte como todo e tudo que fica de fora não tem importância (A razão, a verdade, a realidade existe a partir das visões do norte); e razão proléptica, a qual já conhece o futuro estando no presente (No futuro teremos progresso, desenvolvimento tecnológico, robôs). Assim, dilatando o futuro e fazendo o presente algo pequeno.

Estes conceitos conversam com o papel da literatura em uma sociedade midiática e do consumo rápido,

[...] que prima pelo fugaz, a possibilidade da experiência íntima, sem tempo, é por si só uma forma de resistência. Já não lemos para nos refugiarmos do mundo, mas para nos indignarmos, nos revoltarmos com a ausência de reflexão (BRITTO, 2009, p. 20).

Literatura como uma arte contra hegemônica, principalmente se pensarmos a arte da palavra nas culturas indígenas e africanas, em que ela não tem uma razão prática de ser, ela faz parte da razão de existência.

Continuando em Boaventura (2007), na razão metonímica o presente é uma tensão entre experiência e expectativa, em que não vemos o presente, o diminuimos e pensamos apenas no futuro. Ela defende a ideia da totalidade sob a forma da ordem. A partir destes pressupostos, Santos propõe que pensemos as *Sociologias das Ausências* para que possamos “ampliar o presente para incluir nele muito mais experiências” (SANTOS, 2007, p. 26).

A *Sociologia das Ausências* é um procedimento que tenta mostrar “que o que não existe é produzido ativamente como não-existente, como uma alternativa não-crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo” (SANTOS, 2007, p. 29).

A seguir falaremos brevemente dos cinco modos de produção de ausências:

- a) *monocultura do saber e do rigor*: único saber rigoroso é o saber científico, portanto outros conhecimentos (populares, indígenas, africanos, latinos) não têm a validade nem o rigor do conhecimento científico;
- b) *monocultura do tempo linear*: a ideia de que a história tem um sentido, uma direção, e de que os países desenvolvidos estão na dianteira, ou seja, são melhores;
- c) *monocultura da naturalização das diferenças*: Boaventura funda sua perspectiva emancipatória no princípio do reconhecimento da igualdade e da diferença: “defender a igualdade sempre que a diferença gerar inferioridade e defender a diferença sempre que igualdade implica descaracterização”. Essa monocultura não sabe pensar diferenças com igualdade, ou seja, as diferenças são sempre desiguais, e por isso, as inferioriza;
- d) *monocultura da escala dominante*: o global e universal é hegemônico, particular e local não conta. Ou seja, a realidade particular e local não tem dignidade como alternativa crível a uma realidade global;
- e) *monocultura da produtividade capitalista*: o crescimento econômico e a produtividade mensurada em um ciclo de produção determinam a

produtividade do trabalho humano ou da natureza, outro ciclo de produção não vale.

Para Santos, é preciso transformar estas ausências em presença. De que forma produzimos visibilidade para conhecimentos ditos inferiores ou não existentes? O autor sugere a *Ecologia dos Saberes*:

- a) *Ecologia dos Saberes*: fazer um uso contra hegemônico da ciência. Que o saber científico e do norte possam dialogar com o saber laico, popular, indígena, urbano marginal, etc. O importante é conhecer o que determinado conhecimento produz na sua própria realidade. O conhecimento das plantas pelos indígenas ou do grafite pelas comunidades periféricas urbanas.
- b) *Ecologia das Temporalidades*: há um tempo linear assim como outros tempos. É preciso deixar que cada forma de sociabilidade tenha sua própria temporalidade. Como a de alguns povos indígenas, que se relaciona com a temporalidade das estações do ano.
- c) *Ecologia do Reconhecimento*: trata-se de descolonizar nossas mentes e aceitar as diferenças que restam depois que as hierarquias forem descartadas ou problematizadas. Ver o que não está conectado com hierarquia;
- d) *Ecologia da Transescala*: é a possibilidade de articular as escalas locais, nacionais e globais. Os movimentos locais são importantes se podem tornar-se nacionais;
- e) *Ecologia das Produtividades*. consiste na recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção, das organizações econômicas populares, das empresas autogestionadas, da economia solidária, etc.

As ecologias vão permitir dilatar o presente com muitas experiências que nos são relevantes para que assim possamos ter cidadãos emancipados que tem acesso à informação, seja ela de diferentes espaços geográficos.

A segunda análise de Santos é sobre a *razão proléptica*, que expande o futuro, obtida através da *Sociologia das Emergências*. O autor propõe olhar para os movimentos sociais e articulações do povo que estão emergindo e ampliá-los. (SANTOS, 2007, p. 26).

Por fim, Santos (2007) afirma que todo este movimento de desvelar o conhecimento ausente e excluído, gerará uma “enorme quantidade de realidade que não existia antes” (SANTOS, 2007, p. 38). O que provocaria uma dificuldade de produzir sentido, no entanto, o autor propõe a tradução, em que é preciso “[...] traduzir saberes em outros saberes, traduzir práticas e sujeitos de uns e outros, é buscar inteligibilidade [...] tentar saber o que há em comum entre um movimento de mulheres e um movimento indígena.” (SANTOS, 2007, p. 40).

Segundo o autor precisamos criar clareza sem destruir a diversidade. Pensar os conceitos dos movimentos, como o empoderamento no movimento feminista e a dignidade e o respeito no movimento indígena, e relacioná-los, sem excluí-los.

Todo o conceito de Santos é denominado por ele de *Epistemologias do Sul* e tem como objetivo a emancipação social. Deste modo, como podemos relacionar essas propostas com as ações existentes nas bibliotecas comunitárias?

Na perspectiva de que as bibliotecas comunitárias são territórios nas comunidades, abertos a novas leituras do mundo, novas descobertas e manifestações, podemos perceber sua importância como *espaço físico* para a promoção das ecologias dos saberes. “A formação de um território dá às pessoas que nele habitam a consciência de sua participação, provocando o sentido da territorialidade que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas” (ANDRADE, 1995 apud SOUZA, 2001).

[...] a biblioteca comunitária como território de memória, tem um grande potencial para recobrar os chamados lados positivos dessa memória “apagada”, visto que sua forma de constituição, organização e gestão, propicia o surgimento de movimentos socioculturais abrindo caminho para a formação de redes sociais. Um modelo diferente, daquela biblioteca que permanece isolada e fechada em si mesma (PRADO; MACHADO, 2008, p. 11).

Entretanto, não é apenas de um espaço mediador que falamos. As bibliotecas comunitárias valorizam a literatura através de outras linguagens artísticas, dialogando a linguagem da comunidade em que se faz presente. Além disso, como território se expandem e são locais de encontro, de convívio, de prazer em estar.

Neste espaço ocorre a valorização da cultura, que permanece ausente, mas que se apresenta no território biblioteca através das ações culturais. É na biblioteca comunitária que acontece o reconhecimento da cultura que não chega ao centro. O

diálogo e a busca por ser-mais se conectam em rede com a literatura. Por este motivo, este trabalho deseja entender estes processos que ocorrem através da práxis da emancipação, pois percebe a biblioteca como o espaço físico em que ocorre o reconhecimento e a valorização da cultura e da voz que se perde até chegar ao centro, não por não ter força, mas muitas vezes por ser vista como inferior, através das monoculturas que produzem ausências.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: MARCANDO ESPAÇOS E DESCREVENDO CAMINHOS

Todos os conhecimentos sejam eles, o popular, o filosófico, o religioso e o científico, utilizam de métodos para alcançar seus objetivos, compreender e descrever seus objetos. Neste sentido, segundo Marconi e Lakatos (2003), o método científico é um conjunto de atividades esquematizadas que tem a intenção de alcançar um objetivo e traçar um caminho a ser seguido, auxiliando o pesquisador nas tomadas de decisões. A metodologia aplicada neste trabalho refere-se a uma pesquisa básica que objetiva gerar conhecimentos novos e úteis para a área e a ciência em geral, e que não tenham aplicação prática prevista (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

A abordagem do problema caracteriza-se por uma pesquisa qualitativa com a intenção de possibilitar o aprofundamento em determinado tema - formação de leitores - a partir das falas de agentes que atuam em um espaço onde o conceito acontece, atribuindo significados a partir da interpretação da pesquisadora conforme Silva e Menezes (2005). A pesquisa qualitativa se vale de diversos instrumentos para coleta e interpretação, sendo os dados não métricos o principal escopo deste tipo de estudo, pois “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.32). Neste aspecto, esta pesquisa se desenvolveu de forma a estar aberta aos processos durante as visitas nas bibliotecas e os encontros com seus agentes.

De acordo com Gil (2002) a pesquisa exploratória tem por objetivo proporcionar uma maior familiaridade com o problema e esclarecimento de ideias, tendo um planejamento bastante flexível. O estudo realizado é uma pesquisa exploratória, que envolve pesquisa documental, entrevista com mediadores de leitura e observação de uma atividade cultural. Todas as atividades foram realizadas em três bibliotecas comunitárias da cidade de Porto Alegre, durante o período de março a junho de 2018. O quadro 1 apresenta a relação estabelecida entre os procedimentos metodológicos e os objetivos da pesquisa.

Quadro 1- Relação entre objetivos e procedimentos metodológicos

<i>Objetivos da Pesquisa</i>	<i>Procedimentos metodológicos</i>
Compreender como o conceito de emancipação auxilia na formação de leitores e na construção da cidadania	a) pesquisa documental; b) entrevista por pauta e; c) observação participante.
a) Apresentar as diferentes narrativas dos atores que atuam e frequentam as bibliotecas comunitárias através da formação de leitores	b) entrevista por pauta
b) Mapear os processos emancipatórios que ocorrem nas bibliotecas comunitárias	a) pesquisa documental; c) observação participante.
c) Relacionar ações de formação de leitores com a práxis da emancipação	a) pesquisa documental; b) entrevista por pauta e; c) observação participante.

Fonte: elaborado pela autora (2018).

Para atingir o objetivo específico “a”, utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista. O objetivo “b” tem como instrumentos para análise a pesquisa documental e a observação. Já o objetivo “c” utiliza todos os instrumentos de coleta para análise. Assim também acontece com o objetivo geral, que ao final do trabalho será analisado com as construções dos objetivos específicos e suas análises.

5.1 AMBIENTES DE ESTUDO

A escolha dos espaços foi realizada através de pesquisas da autora junto com o coletivo de bibliotecas comunitárias de Porto Alegre - Redes de Leitura, do qual faz parte como voluntária. Foi escolhida a cidade de Porto Alegre por ser o local de experiência da pesquisadora. Foram levantadas 12 bibliotecas comunitárias: Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto; Biblioteca Comunitária do Arquipélago; Biblioteca Comunitária do Arvoredo; Biblioteca Comunitária Ceprimoteca; Biblioteca Comunitária Cirandar; Biblioteca Comunitária do Cristal; Biblioteca Comunitária Chocolate; Biblioteca Comunitária Girassol; Biblioteca Comunitária Ilê Ará; Biblioteca Comunitária Leverdógil de Freitas; Biblioteca Comunitária Livros sobre Trilhos; Biblioteca Comunitária Visão Periférica.

Os critérios para escolha das bibliotecas comunitárias para a pesquisa foram:

- a) estar localizada em regiões de periferia da cidade, não sendo centro urbano;
- b) estar em funcionamento, realizando atividades culturais regularmente;
- c) ter periodicidade de horários para os atendimentos;
- d) aceitar participar da pesquisa.

A partir dos critérios acima, a **Biblioteca Comunitária Girassol**, a **Biblioteca Comunitária do Arvoredo** e a **Biblioteca Comunitária Ilê Ará** foram selecionadas.

5.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os caminhos da pesquisa contam com a realização de uma pesquisa documental, proporcionando um conhecimento direto com a realidade das bibliotecas comunitárias e uma riqueza informações que foram trabalhadas, utilizando recursos visuais como tabelas de agrupamento de dados e quadros comparativos entre as três bibliotecas comunitárias estudadas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). As técnicas de coleta de dados foram desenvolvidas a partir de quatro *movimentos* principais: *pesquisa documental*; *entrevista por pauta* e; *observação participante*.

Tendo o objetivo de caracterizar as bibliotecas comunitárias a partir do seu contexto local, realizou-se uma pesquisa documental (GIL, 2002), buscando identificar através da programação cultural das bibliotecas quais são as atividades desenvolvidas nestes espaços. Este levantamento foi importante para analisar as relações existentes entre as atividades propostas pelas bibliotecas comunitárias e a formação de leitores. Neste processo, foi possível identificar a temporalidade das ações, atores, horários e diversidade de expressões artísticas.

A *entrevista por pautas* sugere certa estruturação, organizada por assuntos que são importantes a serem debatidos. Foram realizadas poucas perguntas diretas, deixando o entrevistado falar livremente. De acordo com Gil (2002), a entrevista é um instrumento fundamental para conhecer o que as pessoas crêem, sabem, entendem, conhecem, fazem ou pretendem fazer, e por este motivo é tão utilizada nas ciências sociais. Para a entrevista foi solicitado o preenchimento do Termo de Consentimento Livre (APÊNDICE B). Os nomes dos entrevistados foram preservados, sendo dado um nome fictício aos mesmos. As entrevistas por pauta

foram realizadas com os mediadores de leitura e um leitor da biblioteca que estava participando das atividades culturais observadas. Procurou-se compreender suas percepções acerca das ações emancipatórias desenvolvidas nas bibliotecas comunitárias. O significado da leitura para os usuários e verificar qual o tipo de informação os usuários buscam nas bibliotecas comunitárias.

A *observação participante* artificial é utilizada para descrever os processos de interação (MARCONI; LAKATOS, 2003). Nesta técnica a pesquisadora se integra ao grupo na atividade, pertencendo e interagindo com os demais. Ela é *artificial*, pois a pesquisadora não faz parte daquele grupo, ela se integra com o objetivo de obter informações. Através da observação participante buscou-se identificar que atividades são realizadas nas bibliotecas comunitárias com a finalidade de formação de leitores e identificar o perfil dos mediadores de leitura e dos leitores (usuários) que freqüentam os espaços analisados.

5.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A partir da obtenção dos dados, realizou-se a análise e interpretação dos mesmos. De acordo com Gil (2002) a análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de uma forma que seja possível encontrar as respostas. Já a interpretação tem como objetivo procurar um sentido em relação às teorias apresentadas e o que foi coletado.

Como recurso principal para registro e posterior análise dos dados, utilizou-se um diário de campo (APÊNDICE A) para cada biblioteca, em que foram inseridas as informações sobre a pesquisa documental, a observação participante e a entrevista. Neste sentido, a análise foi realizada através de check-list entre as teorias apresentadas e o que foi encontrado em campo. De acordo com Gibbs (2009, p. 80) a análise cuidadosa revela a compreensão das pessoas em relação a eventos em suas vidas.

Para a análise das informações usou-se como base a análise de conteúdo por categorização (GIBBS, 2009), procurando responder perguntas como “quais os métodos utilizados para a construção dessas atividades de formação de leitores?”, “como é realizada a comunicação com o público da biblioteca?”, “qual a

periodicidade e a diversidade da programação?”. Neste momento da pesquisa, as respostas a estas perguntas foram registradas no diário de campo da biblioteca.

Posteriormente foi realizada entrevista (APÊNDICE A) com os mediadores de leitura e leitores para identificar as ações dos mediadores e quais são as suas falas e interpretações sobre o processo de formação de leitores. Além disso, foi realizada comparação entre as bibliotecas, com vistas a identificar particularidades e contextos. O conteúdo dessa comparação se deu a partir da análise das entrevistas.

A observação participante (GIBBS, 2009) foi registrada no diário de campo, a partir da análise de determinados aspectos: local da observação, data, dia da semana, programação da biblioteca, chegada, recepção, contato com os leitores, organização do espaço, participação dos leitores, falas dos mediadores, participação de homens e mulheres, integração entre os mediadores e os leitores, os livros utilizados para a atividade.

Com isso, o capítulo seis, foi escrito em primeira pessoa, pois esta pesquisa tem a intenção de se apresentar espontânea e intervencionista. Dentro de um viés antropológico e etnográfico, valoriza os processos que se relacionam ativamente entre pesquisador e atores envolvidos.

6 POR ONDE ANDEI E O QUE VI

A seguir serão apresentadas os relatos encontrados nas bibliotecas visitadas durante os meses de abril e maio de 2018. As bibliotecas comunitárias Girassol, Ilê Ará e a Biblioteca Comunitária do Arvoredo, selecionadas de acordo com os critérios expostos no capítulo da metodologia, estão localizadas em diferentes pontos da cidade de Porto Alegre. Cada uma possui características próprias, recursos e atividades de acordo com as necessidades e o perfil dos moradores do entorno.

6.1 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA GIRASSOL

A Biblioteca Comunitária Girassol, localizada no bairro Sarandi, foi idealizada pelos jovens do Coletivo Conceito Arte e por duas estudantes do curso de biblioteconomia da UFRGS. Seu trabalho é totalmente voluntário e colaborativo. O Coletivo Conceito Arte foi criado há três anos através da ocupação de um espaço abandonado na praça, onde moradores locais se uniram e criaram um centro multicultural comunitário. Atualmente, promovem diversas ações artísticas, como por exemplo: oficinas de pintura, comunicação não-violenta, plantio de árvores e plantas, debates de temas relacionados ao bairro, história e cultura.

Com o passar do tempo, a necessidade de uma biblioteca que descentralize o acesso ao livro e à leitura se tornou uma demanda da população e do Coletivo, criando assim a Biblioteca Comunitária Girassol, a partir de duas moradoras estudantes de Biblioteconomia, Bianka Maduell e Priscila Macedo.

Desde seu início, em junho de 2016, a biblioteca realizou diversas ações que são realizadas mensalmente, em sua maioria, nos finais de semana. Encontramos na página do Facebook os últimos eventos realizados pela Biblioteca Girassol (acesso em abril de 2018 para a coleta de dados):

- a) Bate papo Literatura e Resistência
- b) Defesa Pessoal para Mulheres
- c) Roda de conversa com Paulo César Teixeira: debatendo Nega Lu.
- d) Sarau das Guriás e Troca de Livro
- e) Café da manhã literário

Ao chegar no local, uns minutinhos antes de começar, alguns jovens se encontravam sentados na frente da biblioteca, local onde seria o sarau. A biblioteca fica em uma praça com diversas plantas, bancos, flores e, no momento, livros, recheavam o ambiente: Florbela Spanca, Pablo Neruda, Bukowski, Sopapo Poético, Poemas Brasileiros e Mário Quintana.

Entrando na biblioteca, a recepção foi afetiva e carinhosa. Sento, converso com três lideranças do espaço. Respeito o tempo deles. Olho o lugar, cada dia ele se transforma. Os móveis mudam de lugar, as plantas e os quadros também mudam. É um espaço de transformação constante. Cada dia uma descoberta.

O tempo vai passando e a galera vai chegando. À noite a luz da lua e dos postes iluminam o sarau. No tempo do público, o sarau se inicia. Todos estão na frente da biblioteca, em um círculo não perfeito. Alguns livros espalhados. A luz é baixa, mas é boa. Pessoas estão no chão, em banquinhos, em caixas de madeira. Percebe-se uma maioria masculina. Homens mais velhos. Trabalhadores. Homens mais novos. Do movimento do HipHop. Homens da universidade. Brancos e negros, mas em sua maioria negros. Um menino lendo gibi. Mulheres. Mulheres brancas e negras. Da Universidade e da comunidade. Mulheres que escutavam. Outras que denunciavam através da poesia.

O início do sarau foi com a voz de Paula, líder da biblioteca. Ao falar de Marielle Franco², leu uma poesia sobre mulheres e luta. Os líderes do coletivo falavam em sua maioria. Quebravam o gelo. O silêncio no início era um pouco desconfortável, alguns se olhavam, mas todos o respeitavam. Por fim, acabamos encontrando no silêncio um aconchego, momento para reflexão.

Os autores evocados no sarau eram diversos. Mario Quintana pra brindar o outono e a cidade. Neruda para falar sobre amor. Sérgio Vaz e Jennyfer Nascimento para falar sobre a periferia. Rolou muita letra de música: Calle 13, Raul Seixas, Nina Simone. Homens recitaram suas poesias autorais. E nessas horas os "Uooooou" ao final eram muito maiores. A beleza da palavra dita sobre seus olhares, seus afetos. A potência de enaltecer os seus. Os não vistos.

A negritude, o feminismo, o amor, a latinidade, o sexo, a voz, o trabalho, a resistência, a periferia. Assuntos que não encontramos disseminados pelos meios de massa, temas emancipadores, mas que sem incentivo e mediação pouco se

²Marielle Franco foi uma vereadora da cidade do Rio de Janeiro executada por denunciar a política militar carioca. Mais sobre o assunto em: <https://www.mariellefranco.com.br/>

apresentam. Só nas rachaduras, e que essas rachaduras possam se abrir. E ali foi. A cada hora o público se transformava. Vinham mais pessoas. Tudo era flexível, libertário, de respeito.

As trocas de lugares, os livros circulando, as vozes diferentes. Os olhares. O confortável estava entre todos. Não havia centralização da voz, todas em círculo falavam em suas potências. Os mediadores buscavam recitar quando os leitores permaneciam em silêncio por muito tempo.

Me chamou muito atenção a relação com os celulares. Muitos procuravam poesias ali na hora. Em letras de música. Páginas no Facebook. A tecnologia e os jovens são sempre relações tão criticadas e negativadas. Ali era a galera mandando o recado: eu posso fazer do meu universo tecnológico algo muito incrível, como encontrar poesia.

Os livros de literatura periférica normalmente demoram para chegar nas nossas mãos. As redes sociais potencializam essas vozes. Dão acesso. Por que permanecemos negando as potencialidades dessas redes poéticas?

Naquele ambiente é difícil identificar quem é do coletivo e quem só participa. Na verdade, acredito que todos contribuam de alguma forma.

Percebemos neste encontro, diversos textos contra hegemônicos, de autoras e autores brasileiros, e também, periféricos. O leitor tem contato direto com as obras, de grande rotatividade e são de boa qualidade física, escritas por autores diversos, ampliando o repertório literário dos leitores. As atividades promovidas pela biblioteca, como o sarau observado, trazem cada vez mais um público diferente, construindo a cada dia uma comunidade leitora. Desta maneira, podemos afirmar que a biblioteca alinha-se com os conceitos de Cosson (2014) sobre práticas de letramento literário.

Os silêncios no sarau nos mostram o respeito à potência da palavra e o tempo de cada leitor em conseguir dizê-la (SANTOS, 2007). Assim como os gritos de “Uou!” revelam um encontro entre pessoas que se identificam de alguma forma pelas palavras recitadas, tem carinho umas pelas outras e que respeitam o outro. Elas também revelam o reconhecimento da expressão do próximo, a identificação pela dor ou alegrias. A esfera do afetivo (ESPINOZA, 2008) ativada pelo silêncio, oralidade das palavras, gritos e aplausos.

A biblioteca é um espaço de empoderamento coletivo (BAQUERO, 2012), em que os jovens do bairro Sarandi estão em seu próprio território com o objetivo de fervilhar cultura através das cores, das palavras, da captura de momentos e das plantas, sempre a partir da imaginação e da vivência dos moradores do bairro. Como afirma Borges (2002) que a literatura é uma extensão de sua memória e imaginação.

Percebe-se a valorização dos autores locais, a partir de sua presença no sarau. Não apenas uma voz do sul, mas uma voz da periferia do sul encontrando superfície no território biblioteca. Ao iniciar o sarau com sua palavra, a mediadora Paula faz a pergunta aos leitores, provocando a reflexão (Freire, 1979) e inserindo os participantes em uma esfera de dor e sofrimento. Recita um poema para Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro, executada por denunciar a violência da polícia militar carioca contra a população periférica.

As pautas abordadas eram políticas, sociais e culturais em um local de articulação entre movimentos sociais, o qual ocorre a tradução, conforme Santos (2007) propõe, entre as lutas feministas, do movimento negro, LGBT, entre outros. A forte relação dos Coletivo e da Biblioteca com a literatura periférica e marginal é percebida nas vozes dos moradores do próprio bairro que procuram o sarau para serem ouvidas, porque têm e buscam seu acesso de direito humano à leitura, à palavra e à informação.

A literatura periférica é a arte mais utilizada no sarau a partir dos celulares, provocando reflexão acerca da publicação de escritores marginalizados. A partir dos celulares nas redes sociais os jovens trocavam poesias e as declamavam no sarau, em uma rede de movimentação poética e periférica. A democratização do acesso à leitura acontecendo simultaneamente em um espaço físico, em conectividade com o espaço digital.

6.2 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA ILÊ ARÁ

Localizada no Morro da Cruz, zona leste de Porto Alegre, a Biblioteca Comunitária Ilê Ará foi criada em 2006 e seu nome explica a sua essência: “Ilê ará” expressão da língua africana ioruba significa “casa do povo”. A biblioteca oferece um acervo rico e diferenciado, que conta com mais de oito mil obras de literatura infantil, juvenil e adulta pensado para fortalecer a cultura local.

Tem como objetivos, segundo Alves (2012): a promoção da leitura e ao prazer em ler; estimular a elevar a escolaridade dos moradores do Morro da Cruz; oferecer às escolas locais a biblioteca como ferramenta pedagógica para a qualificação das ações educativas desenvolvidas; integrar as ações desenvolvidas nos programas e projetos do Instituto Leonardo Murialdo; potencializar a produção e criação de autores, escritores e artistas locais; elevar os índices de letramento da população; formar jovens mediadores de leitura.

Ao digitarmos o nome da biblioteca no Google, encontramos diversas reportagens de televisão, trabalhos acadêmicos e sites que falam sobre a Biblioteca Comunitária Ilê Ará. No entanto, não existe nenhum meio eletrônico de disseminação das atividades da biblioteca atualmente, sendo que a programação é realizada no boca a boca e na articulação com grupos da comunidade.

Foram realizados dois encontros na Biblioteca Ilê Ará. Em todos eles foi possível encontrar elementos de observação pertinentes para esta construção acadêmica. É preciso muitas visitas para observar a Biblioteca Ilê Ará ao todo. Se pudesse, eu gostaria de encontrá-la em cada um de seus 12 anos de existência e resistência.

No alto do Morro da Cruz, no bairro São José, após uma longa ladeira, a Biblioteca Comunitária Ilê Ará te recebe cheia de aconchego e simpatia. Os jovens se apoiam nas grades pedindo que a mediadora abra a porta do local, que para muitos é uma extensão de casa. Ao me aproximar, eles ficam curiosos para saber quem eu sou, fazendo brincadeiras.

O chão, o pufe, as cadeiras, os bancos do lado de fora, a mesa... são espaços de estar. Entre um livro e outro, entre uma conversa e outra. Estar na Ilê Ará dificilmente é estar em silêncio. Biblioteca viva. Biblioteca que não para. Em meio ao caos, a ordem. Ordem solicitada e mediada por Tatiane, a nova (antiga) educadora, que tinha trabalhado há alguns anos na biblioteca, e voltou há um mês, em que foi realizada a primeira visita para este estudo.

A biblioteca tem muitos livros. Colorida, com cores da cultura africana, tem seus espaços para cada público, juvenil, infantil e adulto. Livros sobre cultura africana ficam expostos à vista de todos.

Com carinho, respeito, amizade, lábia e confiança, Tatiane conduz seus aprendizes aos livros, mas também à escuta, à fala, à dança. Poderíamos nos referir à Ilê Ará como ponto de encontro. Muitos encontros.

É dia de festa. Vai ocorrer uma Caminhada pela Paz, organizada pelo Instituto Murialdo, que faz a gestão da biblioteca. Um evento religioso. As crianças respeitam.

Enquanto converso com Tatiane, diversas vezes ela precisa atender uma criança ou um jovem que a chama. Alguém fazendo algo que não devia.

A música rola solta. Todos organizam a parte sonora para a festa, principalmente os adolescentes. Vários homens jovens têm envolvimento com o Rap, soul, funk norte-americano. Música africana. Um leitor vai recitar uma poesia. Tatiane me fala que foi escolha dele. Quando peço pra ver o poema que ele está treinando, vejo que é Vinicius de Moraes e ele me fala “ah pediram pra eu ler isso aqui”, rindo. Se foi escolha dele ou não foi, não sei.

Após Tatiane e eu conversarmos, ela pede licença pra organizar a atividade e eu me envolvo com as crianças. “Lê uma história”. As meninas me puxam, me tocam, me sentam no chão. Uma delas, toca no meu braço e diz “por que tu é dessa cor?”. O racismo acontece com uma das meninas, em que os outros leitores a chamam de palavras pejorativas. Essa menina sonha em ser rainha de escola de samba, e tem muito talento pra ser bailarina também. Ela pede uma história de princesa. Uma princesa negra.

As meninas pedem contos de fadas. Leio 1, 2, 3 livros. Tatiane me interrompe em uma das minhas leituras e diz que é hora do lanche. Comida. Pão. Suco.

Daqui a pouco a atividade vai começar e eu parto pra outros caminhos.

Já no **segundo encontro**, pudemos observar uma mediação de leitura no espaço da biblioteca, realizada pela educadora. No banco sentada, exausta, estava Tatiane. Articulado as atividades da biblioteca. Ao seu lado um leitor. Sustentando seu cansaço. Apoiando sua movimentação. Neste dia fomos visitar escolas, fazer articulação com a comunidade, mas antes era hora de mediação.

Dentro da biblioteca, os leitores conversam entre os livros. Puffs. Tapete. Alguns estão na cozinha e são chamados, pois não deveriam estar lá. Tatiane conversa com eles. E então convida para a Roda de Leitura, de mediação de um livro, às 15h30. É nesse horário que a roda começa, todos os dias.

Em círculo, cada um no seu conforto, uns o encontram no chão. Faz calor em Porto Alegre. O livro é da Heloisa Prieto “Hora da história”. Um conto popular irlandês. Enquanto conta a história, Tatiane fala baixinho, mostra todo o livro, a autora. Todos em silêncio escutam, com respeito. Nós nos olhamos, alguns riem. Um dos meninos fala demais e Tatiane comenta que não estava legal a ação dele. No entanto, volta rapidamente ao livro.

Em alguns minutos já era hora do lanche. A hora da história já acabou. Senti falta de uma conversa que se relacionasse com o livro. Um debate. Será isso necessário sempre também? Talvez a própria história tenha um fim em si mesma e continue no imaginário do leitor.

O lanche é no pátio. No sol. Os jovens e as crianças brincam e se divertem. Fazem piadas. Conversam. Zombam um do outro. Dentro de 15 minutos a biblioteca fecha pois iremos visitar algumas escolas. Em meio a reclamações, os leitores saem. Se divertindo encontrando no caminhando pra casa um pé de goiaba.

A biblioteca fica bem no alto do morro. No trajeto até a escola, eu, Tatiane e Flávia, jovem aprendiz que trabalha na biblioteca, vamos conversando. Pelas ruas, Tatiane é cumprimentada por várias pessoas.

Na Biblioteca Ilê Ará, encontramos, a partir dos leitores, um espaço que é considerado por eles a extensão de suas casas, em que passam o dia, encontram carinho e afeto. É um espaço mediador, como conceitua Garcia (2007), que democratiza o acesso ao livro. Encontramos livros infantis ao alcance das crianças. A facilitação do acesso e dos empréstimos, a partir de um período flexível para entrega dos livros, elimina as barreiras entre o leitor e a literatura.

Diversas obras espalhadas em primeiro plano, entre elas literatura africana ou afro-brasileira, buscam apresentar o acervo. Conforme Cosson (2014) é um espaço de letramento literário, em que o leitor tem contato direto com obras literárias e técnicas de boa qualidade física, de diversos escritores (gaúchos, brasileiros e estrangeiros, assim como autores negros e mulheres). A biblioteca amplia o repertório literário dos sujeitos e promove a construção de uma comunidade de leitores, através das atividades promovidas pela mediadora Tatiane.

Uma estratégia criativa de promover o empréstimo na biblioteca é a mala da leitura, em que o leitor leva pra casa em uma mala de viagem contendo até 15 livros

e pode ficar com eles por um período superior a um mês. É uma forma legítima de respeito à temporalidade do leitor (SANTOS, 2007) com o intuito principal de levar até ele a literatura, principalmente para familiares que não tem tempo de ir até à biblioteca.

A mediação de leitura realizada apresenta contos populares, um texto da escritora periférica Carolina Maria de Jesus, um poema de Sérgio Vaz, autor periférico. Textos contra hegemônicos, do sul (SANTOS, 2007), que dialogam com outras linguagens artísticas, principalmente a música, dança e pintura. O Morro da Cruz é território de Hip Hop e dentro da biblioteca são realizados ensaios de um grupo de rap, iniciado pelo antigo mediador. Mesmo após sua saída, os meninos continuaram frequentando a biblioteca e a música continua fazendo parte da programação do espaço.

A conscientização através da revolução cultural (FREIRE, 1979 ; ADORNO, 2006) é muito forte nesse espaço, pois é através das letras das músicas, em conexão com a poesia, que os jovens encontraram um caminho para expressarem seus sentimentos e opiniões. Como a leitora Fran que vai à biblioteca para pintar, desenhar, ler...e pensar.

No encontro com a música a biblioteca não procura o silêncio, pelo contrário, o caos faz parte dela e é através dele que a mediadora busca articular as atividades. Este caos faz parte de locais que são centro cultural ou espaço de convivência, como afirmam Massola (2011) e Milanesi (1997). Em meio a este caos, a biblioteca encontra sua ordem nas prateleiras, organizadas conforme os públicos, é fácil de encontrar o livro desejado na biblioteca, mesmo sem um processo informatizado eficiente.

O compromisso pedagógico é percebido na biblioteca a partir da observação de momentos em que os leitores pediam permissão à Tatiane, vista como a referência, como se fosse professora. No entanto, não há compromisso com rendimento escolar ou conhecimento formal, e sim, percebemos que há o objetivo de sensibilizar para as artes, podendo provocar um maior interesse pelo estudo.

Nos instantes de leitura compartilhada o silêncio acontece. Muitas vezes, mesmo após a mediação de leitura o silêncio ocorre e a mediadora não provoca questionamentos. Em relação a isso, percorremos Petit (2012, p. 57) para encontrar um significado, e ela apresenta a argumentação de Juan Mata "Discutir é muitas

vezes a consequência mais deliciosa da leitura. [...] Ainda que o silêncio também seja gratificante. Às vezes, o que foi lido é tão forte, tão cativante, que não sabemos comunicar seus efeitos, ou talvez não devemos". Por vezes, a literatura diz por ela mesma.

Nas mediações de leitura observadas na biblioteca percebemos a construção de uma programação regrada, com horário marcado. A mediação realizada por Tatiane, de certa forma, vai de encontro com as ações criticadas por Kaercher (2015) ao ser centralizada no adulto e utilizando o mesmo texto. Percebemos que são válidas as críticas, no entanto, é necessário esclarecer alguns pontos: Tatiane utilizou de um mesmo texto que se relaciona com aqueles jovens, literatura periférica e popular, escrita por jovens ou adultos que vivem a mesma realidade que eles. Outro ponto é a questão da fala pelo adulto, neste caso Tatiane. A mediadora iniciou suas atividades na biblioteca há pouco tempo e é possível perceber o desejo de desenvolver jovens mediadores de leitura.

Assim, da mesma forma como salientado no referencial teórico, a crítica deve estar no silenciamento da palavra do outro, o que não ocorre na Biblioteca Ilê Ará. Há um compromisso em ouvir o outro, sendo espaço de leituras literárias que podem ser terapêuticas para os leitores.

6.3 BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DO ARVOREDO

A Biblioteca Comunitária do Arvoredo surgiu através da idealização de membros da Sociedade Espírita Beneficente Amor e Caridade (SEBAC) que viam um espaço desocupado, a oportunidade de criar um ambiente cultural para a comunidade da Vila Mapa. A biblioteca foi inaugurada em 27 de setembro de 2015.

A biblioteca é exemplo do trabalho em grupo voluntário, contando com uma rede de parcerias ao redor da comunidade, sendo elas escolas e creches. Atualmente conta com 1.200 livros e realiza aproximadamente 115 empréstimos mensais através de atendimentos e mediações, além disso são realizadas diversas atividades como mediação de leitura, saraus e encontros com jovens e idosos.

A Biblioteca Comunitária do Arvoredo é forte no ambiente digital. Com página no Facebook, presença no site da RNBC (Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias) e também em reportagens na mídia. As atividades diárias da

biblioteca não são divulgadas nas redes sociais, quem tem conhecimento dela são os próprios voluntários. Porém, encontramos algumas atividades na página do Facebook: II Encontros na Biblioteca: André Neves, Encontros na Biblioteca - Palestra Gratuita: O Papel da Violência na Deformação Infantil. e Aniversário De Um Ano.

Pego o ônibus em direção à Biblioteca Comunitária do Arvoredo. Já na descida, encontro em direção à biblioteca idosos empolgados em participar da atividade. Caminham, ao seu tempo, com um prato na mão, para o lanche coletivo.

Ao chegar na biblioteca, sentimos sua energia. Em meio ao verde, a Arvoredo é um recanto de arte. Um galpão cheio de cor, cheio de vida. Com diversos espaços, o ambiente valoriza a luz natural que vem das janelas e encontra as prateleiras. Naquele momento, os idosos estão sentados aguardando a atividades, todos são recebidos com um grande Oi e um abraço.

É dia de festa. 34 anos do Grupo da Amizade - grupo de idosos que se reúnem para encontros de festa, bingo e agora com a biblioteca: literatura. Por este motivo, todo o espaço foi modificado, permitindo que os idosos possam dançar, comer, beber e aproveitar a festa. Os livros estão um pouco bagunçados por este motivo, mas não impede que o leitor encontre o que deseja.

Em meio à biblioteca os idosos se aconchegam esperando o evento começar. Em sua maioria são mulheres, apenas um homem com sua companheira. Vestidos como para uma festa, batom, sapato, saia, vestido. A música rola solta e muitos dançam no meio. A dança é livre e os estilos musicais são diversos. Sendo dia de festa, não terá mediação de leitura. Girando ao som da música - carimbó, sertanejo, pagode - aquelas senhoras e aquele senhor compartilham a diversão, o encontro, a festa.

A biblioteca é território de tudo isso e mais um pouco. Os mediadores estão pelo espaço ajudando para que tudo saia perfeito, mas não há um líder da atividade, e sim as instituições que a promovem vão movimentando a ação junto com os líderes do grupo. Como é um aniversário, várias instituições estão presentes e é possível perceber a articulação da biblioteca com as instâncias locais, como a FASC (Fundação de Assistência Social e Cidadania) e CRAS (Centro de Referência e Assistência Social).

A importância dada a biblioteca, ao espaço acolhedor, aos mediadores de leitura é visto nas palavras das pessoas que representam as organizações e, principalmente, o grupo de idosos. Os leitores se sentem confortáveis principalmente com Viviane, a voluntária responsável por realizar as mediações de leitura com eles. Se dirigem à ela perguntando ou pedindo algo, e Viviane com carinho estava pronta para responder o leitor. Durante a atividade, ela tirou fotos, fez vídeos, dançou e brincou com eles.

No fim, todos caem na dança em meio aos livros. Mediadores de leitura, leitores, profissionais da educação, psicologia e saúde. O corpo se joga. Brinca com as palavras. E a dança principal do evento é o carimbó, uma dança de roda típica do estado do Pará, em que as mulheres do grupo dizem ter solicitado para a professora depois de verem na novela. Percebo essa alegria. Essa energia. Muito corpo. Em meio aos livros. Biblioteca como espaço de ser, de se permitir viver. Ambiente oportuno para curtir a vida que muitas vezes não pôde ter sido aproveitada de forma tão leve.

A Biblioteca do Arvoredo dialoga seu espaço mediador com a natureza existente ao redor, seja na organização dos ambientes como também nas mediações de leitura. Além disso, democratiza o acesso ao livro, estando presente em uma comunidade que não tem nenhum outro local de encontro, vivências culturais e lazer (GARCIA, 2007).

A facilidade em habitar aquele espaço, vista nos idosos, reflete como eles se sentem pertencentes à ele. É um local acolhedor, de habitar através da literatura com o outro (PETIT, 2012) - neste caso, a troca se dá entre os grupos de idosos e jovens e consigo mesmo - no meio da mata e nos grandes ambientes que a biblioteca possui.

A transformação do local para receber o evento reflete seu compromisso em ser um centro cultural, como afirma Milanesi (1997), ou um centro de convivência, como aponta Massola (2011). A diferença entre os dois está em que o primeiro dialoga e incentiva outras linguagens artísticas, já o centro de convivência se propõe em ser espaço de encontro. Na Biblioteca do Arvoredo encontramos essas duas propostas.

A biblioteca voltada para ser o que os leitores da comunidade desejam que ela seja, e naquele dia era a festa. Não é um lugar indiferente aos moradores, em que as atividades são impostas. Percebemos o sentimento de pertencer a um lugar recheado de afeto, como vimos nas sociabilidades entre leitores e mediadores.

Destacamos a articulação que a biblioteca tem com a rede local. Escolas, creches, escola de samba estão entre as instituições parceiras do espaço, o que reflete nos atendimentos que realiza e na quantidade de público que atinge. Durante a festa, as falas dos representantes dessas instituições evidenciaram a relação entre as instâncias locais, o que é sinalizado por Machado (2008) ao dizer que firmar parcerias com as redes locais é uma estratégia de atendimento.

7 QUEM CONHECI: O QUE DIZEM AS MEDIADORAS DE LEITURA E OS LEITORES

A seguir serão apresentadas as falas das mediadoras de leitura e dos leitores das três bibliotecas visitadas. Com essas conversas foi possível perceber o que acham essas pessoas da leitura e literatura, o que é importante tendo em vista que muitas vezes são pessoas silenciadas por serem, neste caso, idosos e ex-presidiários. No ato de ouvir o outro, encontramos na entrevista por pauta um instrumento de pesquisa, que consiste no afeto e respeito ao deixar o pensamento fluir. Assim como um instrumento, estas entrevistas foram momentos de troca de experiências e novos aprendizados.

7.1 MEDIADORES DE LEITURA

Em um primeiro momento será descrita a pergunta e a resposta das três entrevistadas, Paula da Biblioteca Girassol, Vitória da Biblioteca do Arvoredo e Tatiane da Biblioteca Ilê Ará. Posteriormente apresentam-se as análises entrelaçando os conceitos vistos no referencial teórico. Em um segundo momento serão apresentadas as perguntas que foram realizadas de forma individual às mediadoras, tendo em vista as especificidades das bibliotecas e os caminhos levados pela entrevista.

a) Como você percebe o perfil da comunidade? O que ela busca na biblioteca?

Paula: *O perfil é bem amplo economicamente falando, tem muitos pobres, o Cristian uma vez não tinha nem chinelo. Mas também tem, por exemplo, uma pessoa que viaja pro exterior. Às vezes eu acho que ele, não queria ser preconceituosa mas, ele transforma em periferia gourmetizada. O público busca rap, poesia, política, grafitti. Tem muitos discursos diferentes, tem um cara bem machista, mas que faz um trabalho lindo lá, dá aulas de capoeira. Mas os gostos são todos bem parecidos. O plantio, que foi trazido por uma pessoa de fora, trouxe outros*

públicos, como os idosos e donas de casa. Assim como a atividade sobre a reforma da previdência trouxe muitas famílias.

Vitória: *Eu vejo a comunidade muito ansiosa por ter um espaço deles, sabe, poder ser reconhecido de uma maneira mais humana, eu vejo muito isso. Até essa semana eu falei com o grupo de adolescentes e eu expliquei pros novos como era o espaço e que nós éramos voluntários, eu perguntei o que eles entendiam sobre o que é ser voluntário e eles se surpreendem muito, eles não esperam que alguém faça algo por amor e nós estamos aqui por amor, não tem outra palavra pra explicar. Nós acreditamos no potencial de vocês e quando eles trazem os pais eles já vem com essa gratidão, vocês fizeram esse espaço pra nós não merecemos esse espaço assim. Mesmo nós não falando diretamente, essa troca no olhar, no abraço, num simples obrigado fica claro.*

Tatiane: *É diversificado. De crianças até idosos. Os idosos vem mais pela manhã. No sentido cultural tem a presença muito da dança e da música, do movimento do hip hop. De leitura eles gostam de desastres naturais, espíritas, auto ajuda e as crianças no infantil no geral. Eles curtem poesia e estou apresentando Sérgio Vaz.*

Percebemos na fala de Vitória a importância do território biblioteca. O pertencimento de um espaço coletivo para além da leitura literária, para Massola (2011, p. 131) é aquele em que os leitores encontram “outras pessoas da mesma comunidade, momentos de aprendizagem de certas artes [...]. Elas buscam também informação [...]. Elas encontram neste ambiente um lugar seguro para deixar os seus filhos enquanto saem para realizar algum trabalho [...]”. Percebemos na Biblioteca Girassol o diálogo com a linguagem artística através do acervo, que conta com considerável material de artes. Dialogando com o espaço, os livros ficam em diferentes lugares, proporcionando ao leitor o acesso de forma bastante criativa, conforme apresenta Garcia (2007).

O Plano Municipal do Livro e Leitura de Porto Alegre (2012, p. 1) afirma que a biblioteca comunitária deve realizar a “integração cultural, revelando-se como um centro de referência cultural da comunidade”, e esta necessidade foi sentida por

Vitória ao abrir a possibilidade de que a biblioteca seja um ambiente de expressão dos moradores, já que a Vila Mapa não tinha, até a abertura do espaço, um equipamento cultural, como uma praça ou centro de atividades. Na fala de Paula, também identificamos a “integração cultural” citada pelo PMLL (2012), o qual leitores e mediadores de leitura e cultura intercalam diversos conhecimentos, mas também, ideologias sobre a vida, que não são ignoradas ou negligenciadas na biblioteca.

E é neste ambiente recheado de livros que o encontro com outras linguagens artísticas acontece. Paula e Tatiane afirmam que existe muito a procura de uma cultura marginalizada, como o rap, poesia, política, grafite. Boaventura (2007) aponta a importância da Ecologia dos Saberes, em fazer um uso contra hegemônico da ciência, em que o conhecimento do grafite pelas comunidades periféricas urbanas possa dialogar com outros conhecimentos, no caso das bibliotecas comunitárias visitadas, os conhecimentos marginalizados dialogam com a literatura infantil/juvenil, ou como lembra Tatiane em relação aos livros sobre desastres naturais que tanto gostam os leitores da Biblioteca Ilê Ará.

b) Você pode contar um momento especial que viveu na biblioteca com os leitores?

Paula: *Quando foi uma contadora de histórias, que contou histórias indígenas na biblioteca. Ela conta com sonoplastia. Não tinha muita gente, é difícil às vezes juntar público. Aí fomos convidando as pessoas pela praça para participar e o Cristian (leitor) chegou e ficou surpreso quando eu disse o nome dele. Ficou surpreso por eu saber. Aí ele sentou pra participar da atividade e no final a contadora disse que ia finalizar com uma história pequeninha e o Cristian disse “não quero uma história pequeninha, quero uma história grande.” Eu sei o que o Cristian passa e isso foi muito especial pra mim.*

Vitória: *Foi no aniversário de um ano da Arvoredo. Tinha uma menina que estava na escolinha e ela tinha mudado duas vezes de lá, ela sofria maus tratos, tinha 5 anos e tava no jardim b. Ela não conversava com ninguém, estava numa briga judicial. Ela ia na biblioteca e ficava isolada e uma coisa que eu aprendi é nunca ser invasivo com uma criança.*

Uma vez, uma outra menina estava chorando e eu a abracei e a menina ficava observando, aí ela saiu pegou uma semente e me entregou aquela semente de presente, assim sem conversar comigo, aí eu agradei e ela esboçou um sorriso, porque ela não sorria. Eu tenho essa semente guardada, era pra ser só mais uma semente, mas pra mim agora é um presente. Agora ela começou a pegar a mão e passou a melhorar. As professoras até falam que quando chamam pra ir na biblioteca ela levanta prontamente. No final do ano ela já estava começando a conversar e ela estava bem próxima de mim. Eu sei dos maus tratos que ela passa e ela não confia nos adultos, e em mim ela confia e não foi porque eu cheguei nela, foi porque ela viu eu sendo boa com as coleguinhas.

Tatiane: *Estou há um mês aqui, então no início a gente primeiro organizou a casa. Os livros organizamos um pouco eu e a estagiária a Flávia. Momento mais bacana pra mim foi a roda de poesia, cada um lendo uma poesia. Eu apresentei o Sérgio Vaz.*

A questão do afeto, que gera uma ação no indivíduo (ESPINOZA, 2008) é percebida na fala dessas três mulheres. Através desses encontros, Paula reconhece seu leitor e sua história, provocando nele uma surpresa. O mediador não só incentiva a criação de pontes entre os sonhos e as histórias, mas também é porto seguro para os sentimentos dos leitores. Como na relação de Vitória e a leitora da Biblioteca Comunitária do Arvoredo, em que o afeto de respeito oferecido pela mediadora gerou uma ação de carinho. Essas conexões “puderam, a partir das leituras, e particularmente da literatura, fazer reviver um discurso nos casos em que os psicólogos haviam falhado” (PETIT, 2012), pois a literatura nem sempre é feita para fugir, mas também para se encontrar.

Para Paula e Vitória os momentos mais importantes estão relacionados ao retorno que os leitores deram à literatura e a biblioteca. No momento em que elas percebem seu trabalho colhendo os frutos de uma plantação regada de afeto. Assim também ocorre com Tatiane que apresenta um escritor importante para ela aos leitores, os quais respondem de forma positiva, se conectando e transmitindo sua própria palavra a partir do poeta.

Essas três mediadoras se relacionam ao perfil de mediadoras de leitura descrito por Petit (2012, p. 13), pois são “pessoas engajadas em lutas sociais e para quem o acesso à cultura, ao conhecimento, à informação constitui um direito excessivamente desprezado”. Elas realizaram mediações de leitura de textos contra hegemônicos, por exemplo como citado anteriormente, literatura voltada à cultura indígena e periférica.

Essa afinidade com o texto literário e o afeto transmitido junto com ele proporcionaram encontros com os leitores que elas não esqueceram. Encontramos uma “disponibilidade em levar o acervo ao leitor” (GARCIA, 2007, p. 44) nos mediadores ao procurarem textos relacionados ao perfil da comunidade e aos leitores.

c) Das ações de mediação de leitura, quais são as que você considera que têm mais dificuldade?

***Paula:** Tenho dificuldades de organização da própria biblioteca. Como eu não vou todos os dias, porque eu preciso trabalhar, muitas vezes as coisas não se mantêm organizadas. O empréstimo na nossa biblioteca é pouco, mas a consulta local é grande e eu queria ter tempo de organizar isso melhor e pensar estratégias.*

Um dia difícil foi o dia do assalto, era uma reunião das minas e eu estava falando sobre resistências de ocupar os espaços e alguém faz isso, chega armado e pede os celulares. Mas eu tinha em quem me apoiar, as gurias e coletivo foram incríveis.

Foi difícil também quando mataram o Luan. As pessoas ficam com medo de ir na biblioteca assim, o Luan estava lá participando da atividade e teve um problema externo. Aí mataram ele durante o sarau.

Mas a gente tem que se ligar que o que a gente faz é maior do que isso. A gente do coletivo não tem muita relação com o pessoal do tráfico. Antigamente todo mundo sabia quem mandava na comunidade, hoje não mais.

***Vitória:** No trabalho em si eu não vejo dificuldades. Eu teria dificuldades se eu não tivesse uma postura de me adaptar as pessoas, de querer colocar o meu*

pensamento, e como eu vejo uma troca eu sinto que eu to sempre aprendendo com eles.

Tatiane: *Foi ruim uma mediação que eu fiz porque eu insisti na mediação de leitura, na roda de leitura e era um dia que eles estavam muito agitados. É que quero ter essa rotina da roda às 15h30 e aí insisti. A gente tem dificuldades na organização do espaço. A meta é colocar todos os livros no sistema e etiquetar tudo.*

Na fala de Paula e Tatiane identificamos a organização como um ponto de dificuldade, visto que as bibliotecas comunitárias são uma tipologia de biblioteca que potencializa suas ações para a formação de leitores, e menos para a organização do espaço. Por terem a mediação de leitura como objetivo principal, o acervo muitas vezes é organizado de forma básica, principalmente visual, para que os leitores se encontrem facilmente. Conforme comenta Machado (2008) se tirarmos a ação cultural das bibliotecas comunitárias destruimos sua essência. Identificamos nas três bibliotecas, a preocupação com a sinalização das estantes, seja por cores, como a Biblioteca Girassol, ou por CDU como as Bibliotecas do Arvoredo e Ilê Ará.

A falta de bibliotecários nas bibliotecas comunitárias é um cenário nacional, por este motivo, muitas vezes a organização é fora dos padrões da área da biblioteconomia, porém em certos casos é muito criativa. As três bibliotecas visitadas dialogam com o conceito de Garcia (2007) para espaço mediador, pois democratizam o acesso ao acervo disponibilizando literatura nas mãos das crianças em espaços públicos, como a praça em que fica a Biblioteca Girassol, a qual é utilizada para as ações da biblioteca, ou o ponto de ônibus, próximo a Biblioteca do Arvoredo, o qual acontece a Parada Literária, em que os mediadores de leitura levam um pequeno acervo da biblioteca para doação e entrega de materiais gráficos sobre o espaço.

Essas bibliotecas buscam promover a autonomia dos leitores, pois, como vimos por Britto (2015), para que tenhamos leitores autônomos precisamos ir além do acesso ao livro, mas também apresentar novos caminhos para os leitores, o que se relaciona com o que vimos nas bibliotecas visitadas, as quais as mediadoras de leitura buscavam textos literários contra hegemônicos para os leitores, mas também contavam com um acervo solicitado pelos leitores. Porém, é importante

compreender que a autonomia não é um parâmetro, mas uma medida relativa com base em cada leitor e suas experiências (BRITTO, 2016).

Todavia, as bibliotecas procuram facilitar o empréstimo, não cobrando multas, e assim os leitores se sentem confortáveis em poder ler sem pressa. Este método se relaciona com o respeito à temporalidade de Boaventura (2007) e uma alternativa de produtividade, em que não é importante o quão rápido o leitor leu o livro, a biblioteca não cobra dele esta rapidez. O importante também não é devolver ele no prazo, mas ler e se sentir em contato com a obra, como afirmam Prado e Machado (2008, p. 11) sobre as bibliotecas comunitárias: é “um modelo diferente, daquela biblioteca que permanece isolada e fechada em si mesma”. Também identificamos na fala de Tatiane a importância de compreender o tempo do leitor, que é um meio de promover o respeito à temporalidade, e deixar “que cada forma de sociabilidade tenha sua própria temporalidade” (SANTOS, 2007).

Para além da organização, um ponto delicado posto por Paula é a questão da violência. Para Adorno (2006) toda ação de educação voltada à emancipação será de resistência. Petit (2012) afirma que em alguns momentos, literatura é a arte que faz reviver situações que a psicologia não permite. É a partir as palavras escritas que muitas pessoas que vivem em espaços de “crise”, podem encontrar janelas para fugir ou para se encontrar (PETIT, 2012). Para Paula o trabalho da biblioteca é maior do que isso. Podemos dizer que a biblioteca é espaço de respiro.

Já para Vitória as dificuldades com a biblioteca surgiriam se ela colocasse o pensamento dela nas atividades, não permitindo uma troca entre os leitores e mediadores. Relacionamos esta frase com Emicida (2017) ao dizer que “Somos todos concreto, uns escolhem ser muro, outros ponte”. Vitória escolheu ser ponte, de “fazer a pergunta” para os leitores.

d) Você pode contar como foi quando você entrou na biblioteca e o que mudou de lá pra cá, relacionando com essas atividades de formação de leitores?

***Paula:** A biblioteca tem um pouco mais de 9 meses. Percebo um reconhecimento externo de quem já vê a importância da biblioteca, mas pouco reconhecimento interno. A comunidade não vê muito a importância da biblioteca. Aí eu penso em fazer articulação na feira perto da biblioteca, nas escolas, mas preciso*

de tempo pra isso. E todo esse reconhecimento eu aprendo com a RNBC e o Redes de Leitura.

Vitória: *O que eu notei é que quando a biblioteca é usada para outras atividades tu identifica exatamente as pessoas que frequentam a biblioteca, porque eles pegam o caderno de empréstimo e anotam, eles usam a biblioteca igual, eu me lembro que foi uma criança para evangelização e eu lembrei que ela era da Vó Belinha [escola que a biblioteca atende] e o que ela fez? Ela foi lá sentou pegou o livro e sentou lendo o que ela aprendeu. Vejo bastante quando elas saem do colégio de tarde, elas vão embora gritando, mas com o livro embaixo do braço e isso não tinha. Agora nós estamos entrando com a escala de mediadores de leitura, que as próprias crianças pedem, então tem a Sabrina e o Braian, é espontâneo, quando as crianças vêem que a Sabrina escolheu um livro eles também querem, eu vejo essa mudança.*

Tatiane: *Como cheguei há um mês não deu tempo.*

Paula desabafa as dificuldades de apresentar a literatura à comunidade. Percebemos sua resistência e compromisso artístico e político, como aponta Petit (2012), ao considerar a leitura como um direito humano, que muitas vezes, não é percebida pelas pessoas que não tem acesso à informação, estando alienadas na sociedade do consumo. Para Britto (2009) em uma sociedade de classes a alienação é condição de sobrevivência do poder. Com diversos convites para não pensar a condição humana, através da mídia, do gozo imediato, as pessoas acabam não acreditando na sua própria potência de transformar a realidade.

Apesar disso, a mediadora de leitura da Biblioteca Girassol procura disponibilizar o acervo em diferentes lugares, buscando encontrar leitores que ainda não tenham descoberto seus livros (GARCIA, 2007). Machado (2008) destaca que firmar parcerias com a rede local da comunidade é uma estratégia para atendê-la e Paula (2018) inspirou-se nesta articulação, a partir de coletivos do município e do país, desenvolvendo a *Ecologia da Transescala*, proposta por Santos (2007). Na Sociologia das Emergências entendemos a importância das articulações locais e globais, para que possamos valorizar as ações que ocorrem em nossos territórios e

expandi-las em outros espaços. “Nesse quadro, tudo o que é local será embrionário se puder conduzir ao nacional: os movimentos locais são importantes se podem tornar-se nacionais (SANTOS, 2007, p. 36).

Uma comunidade leitora (COSSON, 2014) é vista na Biblioteca Girassol, assim como na Biblioteca do Arvoredo, em que os leitores passaram a sair com um livro embaixo do braço, sendo percebidos com carinho pela mediadora Vitória. Para ela, é fácil identificar quem é leitor da biblioteca, pois ele se apropria do espaço. Sabe como realizar o empréstimo, organizar os livros, e até mesmo fazer a mediação de leitura, como destaca Vitória ao falar dos mediadores de leitura que repetem o que aprendem observando: a forma como o mediador segura o livro, lê a história e depois conversa com os leitores. Cria-se um ciclo de formação de leitores que tendem se tornar mediadores estabelecendo o empoderamento desses jovens, que se sentem integrados à biblioteca. Petit (2012, p. 43) descreve fatos semelhantes a partir do relato de jovens mediadores de A Cor da Letra ao lembrarem do

[...] reconhecimento que conquistaram, particularmente junto aos moradores do lugar onde vivem, como esta jovem: "Com esse trabalho, não sou mais uma menina qualquer nessa comunidade, sou uma referência para as crianças, quando passo na rua, todos me reconhecem". Ou esta outra: Você sabe, as pessoas ouvem! Alguém prestou atenção em mim!" (PETIT, 2012, p. 43).

Um empoderamento que é individual, pois pode provocar um aumento da autoestima, como vimos na fala de Petit (2012), mas também coletivo, ao criar um processo coletivo participativo (BAQUERO, 2012). Este processo é acesso à leitura e à literatura, pois se a biblioteca não existisse, eles teriam que se deslocar vários quilômetros para encontrar um livro para colocar embaixo do braço, ou até mesmo, nem fariam isto.

e) Como você se vê na biblioteca? Seu papel?

***Paula:** Ontem descendo do ônibus encontrei uma menina que estava no sarau na sexta, e ela estava toda quietinha na atividade. Aí ela me abraçou. Aquilo foi bem especial. Me sinto parte da comunidade que moro. Pra mim foi revolucionário quando me assumi moradora do Sarandi, foi em 2014, quando a*

Conceito Arte foi ocupada. Hoje eu posso conversar sobre literatura perto de casa, posso ajudar pessoas da comunidade que se sentem como eu me sentia, que queria só morar no centro. Estamos ali pra empoderar as pessoas, mas elas também nos empoderam.

Vitória: *Eu personifico um pouco a biblioteca, eu vi isso no aniversário, porque as pessoas chegavam ali pra mim e diziam que eu participo não estava ali só abrindo o espaço, eu me vejo nesse papel. As pessoas dizem quando pensam na biblioteca lembram de mim e eu estou tendo uma importância ali e a maneira como eu articulo com as pessoas. Eu estava pensando, eu vi uma foto minha e do André e a gente combina muito, ele é da gestão, da parte administrativa e eu sou do afeto, do enraizamento. Opostos e complementares.*

Tatiane: *Eu moro aqui no bairro e já trabalhei há anos no Murialdo e trabalhei aqui na biblioteca. Eu abraço isso aqui profissionalmente e pessoalmente. É muita responsabilidade porque tudo depende de mim, então eu tenho que ser um exemplo pra eles. Quando trabalhava antes não entendia muito a biblioteca. Hoje eu percebo que ela comporta tudo, qualquer cultura, por exemplo, tá rolando música agora e isso não é problema. Não é como uma biblioteca comum. Eu preciso respeitar eles. Antes o outro educador rolava muito a questão da dança, então eu combinei com eles que o momento da dança é terça das 13h30 às 14h30.*

Na fala de Paula observamos a construção coletiva de conscientização partilhada por intelectuais que não são necessariamente acadêmicos, mas pessoas que tomam posse de conhecimentos e tem o desejo de promover debates com crianças, adultos e idosos, mulheres e homens, em um ato de ação-reflexão-ação (FREIRE, 1979). A Girassol é espaço de encontro.

Freire (1985) diz que ninguém educa ninguém, assim como, podemos dizer que ninguém empodera ninguém. É um processo de troca entre sujeitos que se apropriam do seu próprio poder a partir de seus pares. Essa troca é contra hegemônica, possuindo, mesmo sem perceber, o objetivo de emancipação dos sujeitos.

Observamos na fala de Paula, Vitória e Tatiane o compromisso político em suas ações, que vai além do profissional. Para Freire (1979) o compromisso só existe se engajado, ou melhor, submerso com a realidade, na responsabilidade de humanização dos homens. O autor ainda destaca ser um ato de coragem e não neutro, pois a neutralidade em relação à vida seria um medo ao compromisso (FREIRE, 1979).

Através do diálogo com Tatiane das observações realizadas na biblioteca, percebemos as dificuldades encontradas pela mediadora por atuar sozinha no espaço, planejando mediações de leitura, realizando articulação local, dialogando com os leitores, entre outras dezenas de atividades que envolvem limpeza, gestão e programação cultural.

Se a educadora faz tudo sozinha, quando ela não está, quem faz? Neste caso, a biblioteca não funciona. É difícil problematizar este ponto, pois não foi o objetivo deste trabalho, no entanto, podemos afirmar que um projeto com vistas à emancipação social, sendo ele um trabalho de cidadania, deve ser contínuo, o que nos leva a crer que não pode estar nas mãos de apenas uma pessoa.

Cabe destacar a percepção de Tatiane em relação à biblioteca como um centro cultural, a qual comporta “de tudo”. As pontes entre as linguagens artísticas acontecem e não há proibição. Assim destaca Massola (2011, p. 112) ao falar sobre a Biblioteca Ilê Ará:

[...] mais do que incentivar e promover a leitura, pode-se dizer que a biblioteca em questão assemelha-se a um —centro de convivência. Ela amplia suas ações, oferece serviços, propõe iniciativas que ora cativam os moradores por responderem a necessidades individuais, ora possibilitam sentimentos de acolhida, de segurança, de sociabilidade que, na atualidade, são cada vez menos proporcionados aos indivíduos.

A autora relaciona a biblioteca com um centro de convivência, no entanto, preferimos nos ater ao conceito de Milanesi (1997) de Centro Cultural, como sendo um espaço em que a literatura está em articulação com outras movimentações artísticas a todo momento, não sendo algo isolado.

f) O que é oferecido para diferentes públicos?

Paula: *Vai ter grafite + literatura. Tem muita roda de conversa, como reforma da previdência que juntou várias pessoas mais velhas. Queremos falar sobre reforma agrária. Teve defesa pessoal para mulheres que as gurias curtiram muito e queremos continuar. Estamos pensando em fazer uma vez por mês. Em outubro sempre rola atividade de dia das crianças e também pensando em contação de histórias para a escola e trazer os professores também pra biblioteca.*

Vitória: *Poesia, e eu sempre tento pegar as mais clássicas as mais conhecidas, porque eu sei que a geração deles e a nossa tu não tem espaço pra aprender poesia, mas tem aquelas que tu já ouviu na escola que são pontuais. [...] O sábado, a gente tinha mais atendimentos de tarde, aí vem a comunidade e eu fazia a mediação com um livro mais divertido, porque às vezes tu faz a mediação pra escola com foco no que as crianças estão trabalhando, principalmente com o pró jovem e o serviço de convivência, esse mês é gênero, direitos humanos, com grupo heterogêneo eu tento pegar um livro bem pra dar risada.*

Tatiane: *Em abril vou atender todos os dias da semana a escola, creche, espaço social. Teremos a mala pedagógica que uma outra menina vai fazer. Essa mala terá livros de pedagogia para os professores.*

A defesa da formação cultural como força política, proposta pela Teoria Crítica (PUCCI, 1994) é percebida nas ações da Biblioteca Girassol, relacionando o grafite - uma arte urbana marginalizada - e a literatura, entre outras ações culturais. A literatura no início das ações, como um aconchego, ou melhor, um momento de sensibilização para a ação que está por vir. Percebemos, a importância da leitura não só como um fim, mas como um aspecto presente nas atividades que dialogam com outras linguagens, seja o grafitti, o cinema, a fotografia, a música, o plantio, aula de defesa pessoal entre outras atividades promovidas pela biblioteca. A biblioteca é um centro cultural, um espaço de diálogo e encontro com a cultura, por meio da literatura enquanto raiz, estando sempre presente, em que as pessoas encontram outras leituras, não apenas verbais, mas também da ordem do encontro (MASSOLA, 2011).

Azevedo (2008) aponta a necessidade da formação do cidadão político, e neste sentido, para Marx, através de Jenize (2016), a emancipação política é um caminho para a emancipação humana, que nunca será plena, em vista o capitalismo emergente. É por este motivo, que a Biblioteca Girassol e a Conceito Arte atuam em uma postura política de luta contra o capitalismo, promovendo ações que se relacionam com as propostas de Boaventura (2007) para as Ecologias do Sul.

A literatura não tem um caminho definido nesses espaços, ela é buscada para esquecer, fugir, sorrir ou para conhecimento. Com o grupo dos idosos, Vitória deixa claro que a poesia é feita para lembrar das coisas boas da vida. Para Prado e Machado (2008) a literatura tem potência de relembrar os espaços apagados da memória. É como oxigênio: "Não teremos apenas envelhecido, teremos acrescentado muita vida a nossos anos" (PETIT, 2012).

As ações de formação cultural são de força política cultural, social e também holísticas, sendo oferecidas caminhadas pela mata que cerca a biblioteca, meditação, yoga, danças, mediações de leitura, produções artísticas, entre outras atividades que se relacionam com a espiritualidade. A biblioteca atua com o protagonismo do livro e ações culturais de pós mediação que podem se relacionar ou não com a literatura. Sensibilizar antes ou depois da palavra é a proposta da biblioteca em suas atividades, relacionado com a auto-reflexão crítica: potencial educativo do retomar, do pensar e repensar, proposto por Adorno (1995).

E este momento de reflexão está muito relacionado com situações psicológicas dos leitores, que ao longo da atividade vão contando suas narrativas, como em uma terapia de grupo, seja no grupo do projoovem ou nos atendimentos às escolas. Tendo o afeto como força em todas as ações, gerando uma potência de ação no indivíduo (ESPINOZA, 2008).

A preocupação de Vitória em articular a literatura com o conteúdo pedagógico da escola em que realiza a mediação aos alunos reflete um processo em conjunto de biblioteca comunitária e escola que se comprometem com "uma escola que sirva como agente da emancipação intelectual do estudante" (AZEVEDO, 2008, p. 25), em que haja debate sobre assuntos contra hegemônicos como gênero e direitos humanos através da literatura, sem uma obrigatoriedade e rendimento que propõe o ambiente escolar.

Na Ilê Ará a relação entre biblioteca e escola também ocorre através da literatura, a qual a biblioteca oferece uma mala de leituras pedagógicas aos professores. Um espaço não só de prazer, mas também de formação profissional para essas pessoas que nem sempre moram nas comunidades onde as bibliotecas estão localizadas.

g) Como você percebe a formação de leitores?

Paula: *Nós sempre falamos em literatura aqui. Apresentamos o livro como um objeto. Mostramos o que estamos lendo e convidamos as pessoas a fazer isso também. Nosso foco são sempre rodas de conversa e introduzimos a literatura nisso de forma indireta. Às vezes é melhor do que fazer só uma contação de histórias. Tudo que nós fazemos tem alguma mediação de literatura no início e isso eu aprendi muito no Redes.*

A Girassol é importante por estar perto, quem gosta de livro e literatura não precisa ir longe. Está formando cidadãos, instruindo, ajudando a refletir. Na TV e internet as pessoas vêem coisas que repercutem o medo, a insegurança e isso te deixa passiva em relação as coisas. É resistência, mas também lazer. É fortalecer o espaço que tu convive.

Vitória: *Pra mim a formação de leitores é formar cidadão, formar pra vida, porque a gente sempre fala dos direitos humanos.*

Às vezes a gente fica falando de direitos humanos e pode parecer repetitivo, mas pode ser pra nós, pras outras pessoas não é, elas não têm esse entendimento, é preciso ser repetitivo, essa é a importância, vocês estão tendo aula de direitos humanos, mas vocês precisam ler, precisam compreender o que vocês lêem para que não sejam manipulados. Acho que essa é a importância de formar leitores e quem sabe formar escritores também.

Tatiane: *A biblioteca é como uma casa. Eles me ajudam, recolhem os livros as sujeiras, limpam.*

Eu vejo que as crianças não têm interesse na escola e os professores e pais não ajudam também nesse processo. Aqui nós tentamos retomar isso. Despertar o interesse não só pela leitura, mas pelo conhecimento, pelo prazer nisso e pelo

ensino. Muitas crianças se alfabetizaram aqui, assim como idosos. Eu era a professora da alfabetização de adultos e eles diziam que ser analfabeto era como ser cego.

Alguns estão aqui todos os dias, mas não pegam livros. Mas estão aqui. Quem sabe um dia eles vão pegar.

Na fala de Paula identificamos a importância do livro como um objeto de arte, um instrumento que faz parte do centro cultural que é a Conceito Arte, junto de outros objetos como um quadro ou uma escultura. Este encontro com o livro se relaciona com a fala de Tressino (2017) que apresenta as mediações de leitura realizadas nas Rede de Bibliotecas Comunitárias de Porto Alegre, em que o livro é o protagonista da mediação de leitura, sendo apresentado de forma crua, utilizando sua linguagem escrita e visual.

Encontramos na Biblioteca Girassol a presença da literatura através das brechas, e não apenas como protagonista. Como afirma a poeta Conceição Evaristo (2017), ao relacionar com a Máscara de Anastácia. Na Girassol a literatura é compartilhada através das brechas da máscara, podendo estilhaçar-se e promover o encontro de cada um com a sua palavra.

Todas as atividades da biblioteca tem a literatura em primeiro momento, como um aconchego, ou melhor, um momento de sensibilização para a ação que está por vir. Paula acredita que “às vezes é melhor que contação de histórias”, e compartilhamos este pensamento, sobretudo se a contação for realizada como criticada por Kaercher (2015): docilizando os corpos e negando a palavra.

A biblioteca é um centro cultural, um espaço de diálogo e encontro com a cultura, por meio da literatura enquanto raiz, estando sempre presente, em que as pessoas encontram outras leituras, não apenas verbais, mas também da ordem do encontro (MASSOLA, 2011). É como se a literatura fosse uma arte que não se permite estar isolada, ela precisa conversar com outras formas de estar no mundo enquanto beleza e empoderamento.

Na fala de Paula sobre a leitura como formação de cidadãos e ajuda à reflexão, percebemos a luta da mediadora contra a alienação, que a sociedade midiática infere na vida de mulheres e homens. A emancipação contra a alienação é proposta por Marx, a partir de Tonet (2005) e Britto (2009) que ainda problematiza a

questão da leitura, pois para ele “Ler - como ouvir, tocar e ver - pode ser cegueira, se se torna uma atividade sem criticidade, sem espanto, sem indagação”.

No entanto, na Conceito Arte e na Biblioteca Girassol a arte tem a intenção principal de ser desconfortável para os mais poderosos, os que detém os poderes econômicos. Em contrapartida, uma arte que seja acolhedora às intervenções dos moradores do bairro, tendo o espaço como uma casa coletiva, como afirma Paula “é fortalecer o espaço que tu convive”, acrescentamos ser fundamentalmente a partir da arte. Vitória tem o mesmo entendimento de Paula sobre a importância de formar leitores para formar cidadãos em uma luta contra a barbarização, uma afirmação proposta por Adorno (2006), através da Teoria Crítica, em vínculo direto com a emancipação, sendo necessariamente a partir da conscientização, afeto e reflexão.

Em relação à formação cidadã, Azevedo (2008) acredita que a formação de leitores se entrelaça pela formação do cidadão político e este fato é evidente na atuação de Vitória e Paula. A leitura para contestar o mundo seria àquela para formar cidadãos, e assim, através das palavras do outro e da palavra de si, os leitores podem escrever as suas verdades e exercer cada vez mais a sua cidadania, conforme afirma Britto (2015), tendo compromisso com o mundo. Na Biblioteca Comunitária do Arvoredo a emancipação é promovida através do afeto, do amor e da autonomia.

Já na Ilê Ará a biblioteca é extensão da casa daqueles pequenos e grandes leitores. Como um local de encontro é espaço de estar entre os livros, encontrar os amigos e conversar. Percebemos um respeito da mediadora à temporalidade dos leitores através do entendimento de seu caos. Tatiane não interrompe os gritos, se não são desrespeitosos, ela entende que o público precisa se expressar. O caos está presente no cotidiano desses leitores, em casas, muitas vezes com diversos moradores. O agito faz parte da vida, então porque fugir disso na biblioteca, que neste contexto, é extensão de suas casas?

Este reconhecimento da biblioteca está relacionado com o sentimento de pertencer àquele lugar, pois os leitores auxiliam a mediadora na organização e promoção das atividades e também sentem que o lugar é deles, e não do Instituto Murialdo. Alguns leitores não retiram livros ou leem no espaço, porém simplesmente por estar em um ambiente de literatura e fantasia, e não vulneráveis à violência que persiste nas periferias, muito delas relacionadas à violência policial e à política

contra as drogas. Estando na biblioteca, os leitores vão se sensibilizando ao espaço e para Tatiane “Quem sabe um dia eles vão pegar [livros]”. Pois muitas vezes, uma biblioteca comunitária, é importante por ser um território de paz. É um ambiente seguro, longe da violência que assola tantas mães.

Este entendimento pode estar relacionado ao encontro de que a biblioteca está em um local de fácil acesso aos moradores, próxima de suas casas. Não é necessário uma viagem até o centro para estar com os livros e atividades culturais, que muitas vezes, nas regiões centrais, são atividades que não se relacionam com a cultura dessas pessoas.

Na fala de Tatiane o compromisso pedagógico é percebido, muito pelo motivo de que a biblioteca é vinculada a uma instituição que tem compromisso com a educação. No entanto, não são propostas atividades de letramento ou exercícios de fixação, mas através de suas ações há a intenção de despertar o interesse pelo conhecimento e ensino.

h) Como é construída a programação cultural?

Paula: *Na maioria das vezes nem pensamos na programação, ela acontece. Antes no coletivo tinha mais gente, algumas pessoas saíram do bairro e isso distancia elas. E acredito na importância da base comunitária pra biblioteca, mas todas as pessoas de diversos lugares são bem vindas pra construir junto.*

A ideia das atividades é de chamar o público pro espaço. Eles querem ter mais sarau feminista e o Redes e RNBC dão várias ideias, são um apoio.

No entanto, enquanto ainda não tem alguém fixo, são pelas necessidades do momento que a programação se constrói, por exemplo o bate papo sobre a reforma da previdência aconteceu porque foi na mesma semana que seria a votação e acabou não rolando.

A gente quer construir uma programação em outros espaços, tipo falar sobre saúde pública no posto da comunidade.

Vitória: *O que é forte na arvoredo: as parcerias com as escolas, foi uma orientação da Márcia da Ong Cirandar, começar com as escolas, aproveitar, nós mapeamos a área e vimos que tem várias escolas. Então nós temos uma escala,*

sabemos que turmas vêm e a faixa etária. No sábado, a gente tinha mais atendimentos de tarde, aí vem a comunidade e eu fazia a mediação com um livro mais divertido, porque às vezes tu faz a mediação pra escola com foco no que as crianças estão trabalhando, principalmente com o pró jovem e o serviço de convivência, esse mês é gênero, direitos humanos, com grupo heterogêneo eu tento pegar um livro bem pra dar risada.

Tatiane: *Tenho autonomia pra realizar as atividades e o Murialdo apoia. Programação é toda construída por mim, pelos conhecimento que tive na ONG Cirandar.*

Na Biblioteca Girassol as ações acontecem de forma espontânea, as quais são construídas “a partir das necessidades do momento” (PAULA, 2018), no qual os leitores se conscientizam a partir da problematização da realidade, em um ambiente acolhedor à dúvida e ao desejo do conhecimento. Para a mediadora de leitura, é importante que os agentes que constroem o local sejam da comunidade. Machado (2008) identifica, a partir de análises realizadas para sua tese, que

[...] os projetos em que pudemos identificar maior participação da comunidade são aqueles que são criados e/ou coordenados por lideranças locais, que trabalham no sentido de resgatar e defender a cultura local, numa crescente valorização do sentimento de comunidade (MACHADO, 2008, p. 116).

Esta observação casa com a Biblioteca Girassol, pois é um coletivo de jovens que percebem as necessidades de espaços de arte e cultura no seu bairro, e o fazem de forma voluntária, pois atuar em sua comunidade é um compromisso político. Novamente percebemos a *Ecologia da Transescala* na fala de Paula, tendo em vista que a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (2015) atua com incidência política, ela também é espaço de compartilhamento de ações culturais entre os atores das bibliotecas ao redor do país, tecendo encontros e trocando culturas entre 115 bibliotecas comunitárias.

É através das necessidades do momento que a programação da biblioteca se constrói. Enquanto realizávamos este trabalho, a biblioteca promoveu um encontro sobre “Literatura e Resistência”, devido um bate-papo em outra biblioteca, em que um senhor afirmou a importância de lermos Balzac. Para Petit (2012) é “tanto mais

difícil julgar na medida em que o essencial passe talvez de inconsciente a inconsciente...”. Compreendemos neste trecho que as subjetividades de uma obra encontram as subjetividades de leitores e não é possível decifrar o que mais eficaz ou não.

A partir de Paula percebemos que a biblioteca realiza suas ações para desalienar a mente, a partir de atividades que contestam a situação atual do país, como o bate-papo sobre a reforma da previdência. De acordo com Azevedo (2008), para formar leitores é importante que haja a integração do sujeito aos problemas de sua sociedade, tornando necessário situar-se histórica e culturalmente, e também de refletir a respeito da sociedade em que vive. Encontramos o incentivo a estas formações na Biblioteca Girassol a partir da literatura através das brechas antes das atividades de diálogo sobre a situação política brasileira.

A Biblioteca Girassol valoriza os movimentos sociais através de ações com outros coletivos, como o Redes de Leitura, Abrigo e principalmente com a Conceito Arte, da qual faz parte. Caminhando juntos, diversos coletivos dialogam sobre assuntos em comum, provocam a tradução de conceitos entre eles, seja pela literatura como direito humano, pelo movimento negro, através da luta feminista entre outras.

Diferentes alternativas de temporalidade são vistas em todos os encontros, principalmente no sarau, o qual todos se olhavam e respeitavam o tempo de cada um para falar. Os articuladores do coletivo não se sobressaíam, eles iniciaram a atividade com a intenção de “fazer a pergunta”, conforme Freire (2010) afirma ser este a essência de um processo pedagógico.

As alternativas de produtividade são encontradas nos processos de horta comunitária, plantação de plantas não convencionais, venda de sanduíches artesanais, assim como, o incentivo a ações que promovam momentos de não-produtividade, mas de encontro com a arte. A Biblioteca Comunitária Girassol, busca dialogar com todas as instâncias e promove o uso contra hegemônico da ciência, pois valoriza o conhecimento popular, laico, africano e indígena. Uma nova forma de pensar o conhecimento humano é proposto, através de ações feministas, anti racistas e outras formas de produtividade além do capitalismo (SANTOS, 2007). Por fim, a articulação local e global já citada anteriormente.

Já na Biblioteca do Arvoredo, a articulação local é o motor que faz as atividades acontecerem. A biblioteca se torna mais um agente social na comunidade, e muitas vezes, além de ser espaço formador para os alunos, também é espaço formador para os professores. Com as mediações de leitura, mesmo sendo relacionadas com o projeto pedagógico de determinado período da escola, os atores da biblioteca procuram encontrar outras linguagens para debater o assunto, através da literatura, conforme aponta Vitória sobre direitos humanos.

Percebemos a biblioteca como um espaço livre de conhecimento. Podemos refletir se as escolas também não deveriam ter essa preocupação em trabalhar assuntos que dialogam com o compromisso político-pedagógico do espaço, debatendo com os educandos de forma horizontal, através da literatura e da arte em geral. A diferença aqui entre escola e biblioteca comunitária é que a segunda tem o objetivo de sensibilizar e fazer refletir através da leitura.

i) Como são divulgadas as atividades da biblioteca?

Paula: *A divulgação é pelas redes sociais e boca-boca. Percebo um reconhecimento da biblioteca por parte do pessoal do coletivo.*

Vitória: *Então nós temos uma escala, sabemos que turmas vêm e a faixa etária.*

Tatiane: *Divulgação é pelo boca a boca. Queremos fazer os convites pelos parceiros, as escolas.*

A questão da divulgação das ações da biblioteca se relaciona com o público que ela deseja atingir. De acordo com Paula as ações são divulgadas pelas redes sociais, o que chama um público externo. Esse movimento é visto pela mediadora ao afirmar que “*Percebo um reconhecimento externo de quem já vê a importância da biblioteca*” (PAULA, 2018). A mediadora também aponta o boca-boca como forma de divulgação.

Já na Biblioteca do Arvoredo, Vitória afirma que eles têm uma escala de atendimento com a escola, o que consideramos que não há divulgação externa, a

não ser quando são realizadas atividades como a Parada Literária. No entanto, como a biblioteca atende o público escolar de bebês até jovens, isto permite atingir diversas pessoas, como os pais desses alunos e os professores. Além disso, os idosos com o grupo da amizade também são um público atingido. Podemos dizer que assim, biblioteca tem a intenção de promover uma comunidade leitora, proposta por Cosson (2014).

Na Biblioteca Ilê Ará ocorre algo parecido com a Biblioteca do Arvoredo, sendo uma forte relação com o público escolar. Durante as observações realizadas não encontramos nenhum adulto entrando na biblioteca.

A partir dessa realidade, percebemos que duas das bibliotecas visitadas tem na escola um caminho para atingir toda a comunidade, considerando que, dessa forma, atinge as famílias desses alunos. Na Biblioteca Girassol não é realizada parceria com a escola, porém Paula afirma que eles tem o objetivo de realizar atividades em outros espaços, como “falar sobre saúde pública no posto da comunidade”, o que chamaria assim novos leitores.

Este ponto é importante problematizar, pois a formação de leitores com práxis emancipatória deve articular diversas pessoas e não deixar nenhum público de fora, sobretudo os idosos que algumas vezes não são considerados nas ações de incentivo a leitura. Isto dialoga com o conceito de radicalização de Freire (2007) pois tem a intenção de “reagir à violência dos que lhe pretendam impor silêncio”, em um projeto político de formação de leitores não podemos permitir que algumas pessoas permaneçam em silêncio.

7.1.1 Perguntas específicas

Algumas perguntas foram realizadas separadamente para as entrevistadas, a seguir serão apresentadas por biblioteca:

Biblioteca Comunitária Girassol

a) Pode falar como tu sente a relação entre o coletivo e a biblioteca?

Paula: *Se torna um Centro Cultural, tem vários setores: a biblioteca, o plantio, a exposição de arte. Assim fortalece o espaço.*

A articulação entre coletivos é um ponto muito interessante da Conceito Arte e Biblioteca Girassol, sendo um espaço cultural que tem uma biblioteca comunitária. Este encontro é uma alegoria à Casa da Invenção de Milanesi (2007), em que o autor afirma sua convicção de que as bibliotecas devem ser centros culturais. Essa importância está relacionada às Ecologias dos Saberes, promovida por Santos (2007), pela oportunidade de ser território em que esses encontros acontecem.

Biblioteca Comunitária Ilê Ará

a) Como tu vê isso da autoridade?

Tatiane: *A biblioteca é um lugar diferenciado de outros lugares. Ela tem muitas pessoas de diferentes idades e perfis. Gente que vêm sempre e outros que vem de vez em quando. Então esses que são assíduos em que fazer uma construção com eles, não dá pra bater de frente, porque se não tu perde eles.*

Tem que ceder pra buscar de volta. Tem que combinar as coisas, temos algumas regras como: ninguém mexe no computador. São acordos e é preciso respeitar eles. Converso muito com eles sobre isso. Quando não funciona eu peço que eles saiam um pouco da biblioteca e voltem depois. Eles não respeitam muito a Flávia, mas ela tem a mesma força de voz que eu.

Tem o lanche sempre de tarde depois da roda e eu sei que uns só vem pelo lanche, mas muito porque eles ficam o dia inteiro sozinhos em casa e não sabem fazer nada pra comer, não tem o que comer. Não acho que isso seja ruim, nem bom. Faz parte. O problema maior é eles sozinhos em casa, pelo menos ele estão aqui e isso é importante.

A autoridade acabou sendo um assunto com Tatiane a partir de suas falas carregadas de um compromisso pedagógico com os leitores, em que ela comentou da importância de marcar um horário para a leitura. Naquele exato momento, os leitores habituados com a atividade podem estar em outros lugares do mundo, mas

irão lembrar que é o horário da leitura. Talvez haja uma certa autoridade e criação de um hábito, no entanto, na arte de formar leitores, o mediador escolhe diferentes caminhos, desde que respeite os processos do leitor, como Tatiane comenta ao falar de uma mediação em que insistiu, mas não aconteceu.

No Dicionário Paulo Freire (2015) encontramos o termo “autoridade”, o qual propõe que posicionar-se enquanto autoridade teria “o propósito de demarcar, pedagógica e politicamente, uma posição a favor da superação do autoritarismo e do atrevimento” (GHIGI, 2015, p. 70). Garantindo condições para que todos possam se expressar a partir de ações coletivas. (GHIGI, 2015).

A partir das falas da mediadora, com firmeza e amorosidade, criam-se condições para a fala de todos, como em um processo democrático, como visto na fala da mediadora sobre o uso do computador. Através dessas ações, alguns leitores se tornam assíduos da biblioteca e são considerados por Tatiane de modo especial. São eles, muitas vezes, que não tem relação com a literatura e a leitura. No entanto, por estarem no espaço da biblioteca são sempre incentivados a este encontro, mesmo que eles venham no horário do lanche, para Tatiane eles estão no espaço.

Biblioteca Comunitária do Arvoredo

a) E com os idosos? o que tu media pra eles?

***Vitória:** Ah, sim, bom tudo que eu dizer eu vou dizer que é especial. Poesia, e eu sempre tento pegar as mais clássicas as mais conhecidas, porque eu sei que a geração deles e a nossa tu não tem espaço pra aprender poesia, mas tem aquelas que tu já ouviu na escola que são pontuais. Quando eu comecei no grupo eu mediei Canção do exílio e foi muito bonito porque ativou a memória deles e o grupo todo começou a declamar junto comigo, assim 21 idosos e eu falei pra eles que canção do exílio é especial, porque foi meu primeiro contato com a poesia. E eu comecei minha terra tem palmeira e eles já abriram o sorriso e continuaram. Agora chegamos num outro ponto em que elas trazem poemas pra eu ler e é lindo o trabalho com os idosos. A Susana Huerga me mandou uma reportagem sobre alzheimer, que fazem terapia com poemas porque ativa uma área importante do cérebro, e é verdade*

porque quando eu leio poemas mais conhecidos como Mario Quintana eles tem um estalo e eles lembram.

Já destacamos acima a relação entre poesia e literatura, a partir de uma construção de subjetividades e resgate da memória. Podemos debater este assunto ainda na perspectiva da biblioteca promover assuntos que sejam relacionados com os leitores, como salienta o Redes de Leitura (2015). Ao conhece-los a mediadora propõe ações que se relacionem com eles, sendo textos de autoria brasileira, ou seja, em relação a Boaventura (2007), aqui há uma valorização da poesia brasileira, do que é do Sul e próximo aos leitores.

b) Eu percebo um ponto forte da arvoredo é o afeto, tu acha isso também?

Vitória: Sim, eu acho isso porque acontece quando tu tem um local feito por voluntários e eu já fui em outros lugares de voluntariado e é assim também e quando tu vai trabalhar como voluntário é porque tu já tem uma ideologia, uma filosofia de vida então não conheço um lugar de voluntários que não seja baseado em afeto.

A Biblioteca do Arvoredo está situada em uma Sociedade Espírita, assim, poderíamos supor, a partir dos pressupostos da doutrina, que os voluntários teriam uma postura de assistencialismo. No entanto, a partir da fala de Vitória identificamos um compromisso político, uma ideologia que os une, que se relaciona com a fala de Machado acerca de jovens voluntários

É importante esclarecer que os jovens relutam em usar o termo voluntariado por compreenderem que as suas ações são resultado de um engajamento na luta contra a exclusão e pela ampliação de acesso à leitura. Não querem que suas ações sejam confundidas com práticas filantrópicas (MACHADO, 2008, p.133).

Neste sentido a Biblioteca do Arvoredo não atua em uma filantropia que não seja politizada e carregada de compromisso. Mesmo que seja diferente do que foi visto por Machado (2008), pois Vitória tem a intenção de usar a palavra voluntariado, seus objetivos não são de uma ação de filantropia, sem responsabilidade, que seja de depositar conhecimentos.

Os voluntários da biblioteca constroem diariamente o empoderamento coletivo, conceitualizado por Baquero (2012). Para Petit (2012) os mediadores são pessoas engajadas politicamente e que reconhecem o papel da leitura como um direito muitas vezes desprezado pelas políticas públicas.

c) Me conta uma mediação de leitura especial realizada por ti.

Vitória: Sim, do livro Raiva da Blandina Franco, ilustrações de José Carlos Lollo. Eu amo a ilustração, é um livro que eu não consigo falar só sobre a escritora e ele é considerado um livro infantil e eu já mediei tanto para jardim até o grupo de idosos e uma vez eu fiz num sábado com crianças de idades variadas e toda vez que eu faço a mediação as pessoas conseguem se expressar, é o momento em que a pós mediação é importante, porque geralmente tu media e as pessoas refletem, tu deixa então um espaço para as pessoas absorverem, mas nesse livro as pessoas têm necessidade de falar, desperta isso independente da idade.

Semana passada, eu fiz cinco mediações em um dia do livro Raiva e teve uma criança que disse assim “eu conheço uma pessoa que tá sempre com raiva” e eu disse quem? “a minha mãe, ela acorda com raiva porque ela deve dormir com raiva, mas eu sei que é porque eu incomodo” eu achei tão bonitinho. E com o pró jovem, teve uma menina que disse que tem o pavio curto mesmo e eu vi que a educadora já ia dar uma moral e eu falei deixa ela falar e ela expressou o que ela sentia e então nós conversamos de mecanismos para tu não sentir tanta raiva, o que tu pode fazer, a gente não pode impedir de sentir mas o que tu faz depois com isso. E assim, aquela uma hora e meia que eles ficam lá, ficamos quase 1 hora só em cima do assunto e os mecanismos que tu pode usar para diminuir a raiva e nós chegamos até na música né, foi bem legal é uma mediação especial sempre

Na mediação de leitura do livro intitulado “Raiva”, a leitora constrói uma narrativa em relação à raiva que percebe em sua mãe e acaba, por fim, percebendo suas ações que geram esse sentimento na mãe. As subjetividades entre livro e leitor se encontram. Reconhecer a si mesmo é um ato político. Se permitir ser um ser humano, que não pode estar sempre em ação, ativo, mas que também tem sentimentos que são doloridos. Principalmente para os corpos que sempre foram

negados, sexualizados ou excluídos, como os corpos negros. Podemos afirmar ser este um ato contra hegemônico da ciência. Para Boaventura (2007) precisamos “saber qual é o tipo de intervenção que o saber produz”, assim os diversos conhecimentos se articulam.

Nesta mediação percebemos efeitos terapêuticos, mesmo que esse não seja local nem objetivos da ação, pois é preciso limitar determinadas intervenções, visto que esses mediadores não são psicólogos, mas atuam com a literatura que pode despertar sentimentos muitas vezes nunca despertados.

O que Vitória encontra com a leitora do livro “Raiva” é muito parecido com o que observa Petit (2012) em ações que tem o objetivo de criar um clima acolhedor de atenção, no qual a fala será possível em se respeitando certas regras e no qual, na mesma medida, o diálogo será interno”. A leitora na Biblioteca do Arvoredo construiu as conexões internamente e falou abertamente sobre elas.

No sentido de formação do leitor, na mediação relatada por Vitória identificamos as propostas de Cosson (2014) para um letramento literário, pois promove o contato direto dos leitores com as obras, as quais são diversas e com textos reconhecidos em premiações de boa qualidade literária, como André Neves e Stephen Michael King. As mediações de leitura são sempre com o livro, o qual a cada mês se renova, ampliando o repertório literário. Além disso, as atividades sistematizadas são contínuas e planejadas com antecedência, sempre garantindo uma pós mediação.

7.2 LEITORES

Foram realizadas entrevistas com os leitores das Bibliotecas Girassol e Arvoredo. Não foi possível realizar entrevista na Biblioteca Ilê Ará, pois nenhum leitor demonstrou interesse em participar da pesquisa. Esta seção foi dividida entre os entrevistados e não como a entrevista realizada anteriormente, em que foi dividida pelas perguntas. Foram feitas perguntas diferentes aos leitores, visto suas diferenças de idade e a forma como a entrevista estava sendo respondida. Os aprofundamentos destes tópicos serão apresentados no final das entrevistas.

7.2.1 Entrevista com leitor da Biblioteca Comunitária Girassol

A entrevista na Biblioteca Girassol foi realizada com Gão, homem por volta de 25 anos, trabalhador. O encontro aconteceu na biblioteca no dia do Sarau Marginal, em um momento anterior ao início do evento, em que um dos líderes sugeriu que eu conversasse com este leitor.

a) O que tu gosta de ler?

Gosto de ler livros de psicologia, poesia, coisas da mente e estrelas. Aqui eu encontro a calma na biblioteca. É isso que eu procuro. As atividades que tem aqui na biblioteca, tu não vê em outros lugares, como yoga.

Eu vou te dar minha opinião, tu tem que fazer essa conversa com pessoas de várias idades, os pequeninhos. Eu acredito que pra mudar com a literatura é preciso começar do início. Na escola não vemos literatura e sim livros didáticos. Minha filha tem 9 anos, ela não sabe ler, mas sabe fazer cálculos. Pra quem serve isso né.

b) Como você conheceu a biblioteca?

Foi através do Filipe que me acolheu após um momento de mudança. Aí eu to ficando na casa dele e acabei vindo pra cá. Eu faço de tudo aqui, corto grama, limpo a biblioteca. Eu estou sempre aqui.

c) Tu já lia antes? Como é a tua relação com o livro?

Eu passei por umas mudanças, queria ser outra pessoa, e eu já sou outra pessoa. E foi a partir do livro. [...] Tá, eu vou falar. Eu sai da prisão há um tempo e foi lá que eu li a bíblia. Li ela três vezes. Os presos não têm muito interesse nos livros na cadeira. Aí eu comecei a ler um livro sobre legislação, escrevi uma carta para juíza e foi assim que eu consegui sair.

d) Por que começou a ler?

Foi por necessidade, me sentia sozinho.

e) E hoje? Por que tu lê?

Por conhecimento.

f) Que reflexões as atividades da biblioteca te provocam?

Reflexões sobre as próprias pessoas que estão aqui, sobre ciúmes, egos. Eu tento sempre ajudar, mas tipo todo mundo se ama. É lindo. Eu não mudaria nada aqui.

A partir da conversa com Gão encontramos o poder dos debates e diálogos, citados por Britto (2015), ao revelar que lê Psicologia e “coisas da mente” e percebe nos companheiros de coletivo situações que encontra nos livros. O repensar e retomar na sua própria realidade, processo de acordo com um cidadão que saiba pensar e se exprimir livremente, contextualizando o que lê e o que vive, e que busca o autoconhecimento sem deixar de compreender a necessidade do respeito ao Outro (AZEVEDO, 2008).

Petit (2012, p. 125) aborda a importância da literatura na construção e reconstrução de si mesmo em *A Arte de Ler*. “Fizeram-me entender que, se somos habitados por inúmeras pequenas histórias, é mais fácil construir pontes entre os episódios, pensar a sua própria história em um conjunto e o seu lugar em espaços mais extensos”. Para Gão é preciso iniciar a relação com a leitura desde cedo. No entanto, ele encontrou a literatura depois de passar por momentos de crise (PETIT, 2012): o cárcere.

De acordo com Petit (2012, p. 11) as crises são fatos que geram grandes transformações de caráter brutal, ou uma violência generalizada. No entanto, a autora traz Chamoiseau e Glissant os quais afirmam que “O desastre ou a crise são também, e sobretudo, oportunidades”. Assim, Gão encontrou no cárcere, um espaço de crise e violência, a oportunidade através do livro e da literatura de se transformar.

A leitura por necessidade e para fugir da solidão é aspecto fundamental para compreendermos a relação que este leitor tem com o livro. A busca de Gão é da ordem do desejo, da procura do ser-mais de Freire, citado por Decker (2010). E é a partir da literatura que Gão encontra o caminho de sua transformação.

Percebemos por Gão o processo de empoderamento individual, destacado por Barqueiro (2012), pois ele faz parte da biblioteca, não sendo um agente de fora, e sim um ator que tem voz no espaço, compartilhando “um aumento de auto estima,

auto confiança, aumento da capacidade de se sentir influente em um processo” (FREIRE, 1986).

Essa participação de Gão é vista por Machado (2008. p. 37), a qual afirma que “A partir dessa ideia de participação como processo de formação, acreditamos que, partindo de um saber muitas vezes prático, os protagonistas de processos participativos colaboram com a emancipação social”. Podemos acrescentar que essa colaboração se dá a partir da conscientização citada por Freire (1979), sendo ela de posse da realidade e de revolução cultural.

7.2.2 Entrevista com leitora da Biblioteca Comunitária do Arvoredo

A entrevista na Biblioteca do Arvoredo foi realizada com Bea, mulher por volta dos 70 anos, aposentada, espírita e atuante no Grupo da Amizade. O encontro aconteceu na biblioteca no dia da Festa de Aniversário do Grupo da Amizade, em um momento após o fim do evento, em que Bea parou de realizar suas atividades de organização e limpeza do espaço. Foi a mediadora Vitória que sugeriu que fosse realizada a entrevista com Bea, afirmando ser uma leitora muito participante na biblioteca.

a) Como conheceu a biblioteca?

A vir na biblioteca comecei com o grupo da amizade. Sou voluntária pra diversas coisas, ai não sobrava tempo nos dias que ela tava aberta. Com o grupo nas quintas feiras eu pego livros, porque eu gosto de ler, eu pego sempre livros, semana passada eu devolvi um que demorei muito tempo pra ler, o da Isabel Allende.

b) A senhora gostou?

Gostei.

c) Qual que a senhora leu?

Aquele dela, com os Trueba, aquele que é noivo da rosa ai fizeram um chá que matou o trueba....[conta a história do livro].

d) O que mais a senhora gosta de ler?

História e romances espíritas. O romance ele é um aprendizado, ele não é um romance em que a mocinha fica com o mocinho, como na novela, então eles são um aprendizado. Como eu trabalhei muitos anos em casa espírita, isso foi um aprendizado [...]. Mas esse da Allende chama muito a atenção, porque praticamente o tempo da ditadura foi uma época muito terrível, que eu cheguei a pegar o 64, eu nasci em 44, o auge da segunda guerra mundial, que foi basicamente uma ditadura.

Levei quase três meses pra ler, e eu tinha pegado outro que eu tinha que devolver junto. E essa biblioteca eu gostei, eu que tenho pouco tempo pra ler, porque a gente pode levar o livro e não tem pressa pra devolver e isso é muito importante, como tinha lá na casa espírita em que eu trabalhei muitos anos, a gente tinha uma biblioteca e até às vezes eu precisava de um livro pra estudar e tinha que devolver na outra semana, então assim eu não quero, vou comprar e eu comprei e não precisava ter comprado, como dizia um colega meu, ele já faleceu, livro na prateleira cria pó onde ninguém lê e se a gente tem uma corrente de emprestar ou ler doa ou empresta que mais gente pode ler [...] é importante a leitura porque se o povo lesse mais, nós o povo brasileiro, seria muito importante porque mesmo quem não teve a oportunidade de frequentar uma escola, mas sabe ler é importante ler porque é um aprendizado e como hoje nosso sistema político e social está muito difícil e se a gente souber ler tem que ler e eles estão se instruindo. [...] Eu costumava até dizer na brincadeira porque povo brasileiro é analfabeto de pai e mãe. [...] É importante a leitura é importante essa biblioteca. Eu até faço parte da leverdógil [biblioteca comunitária], mas é difícil pegar livro lá.

e) O que representam as atividades aqui na biblioteca?

É importante, mas como a gente faz parte da assistência social, eu queria que a gente se reunisse na quinta-feira e conversasse sobre diversos assuntos. Esses dias faleceu o companheiro de uma colega e ninguém foi ajudar. O pessoal aqui gosta muito de baile, é terapia, é cultura, é bom pra saúde, mas precisamos de outras coisas. Em outros grupos é diferente, como eu moro aqui eu tenho que fazer parte desse, e eu ajudo bastante deles aqui, se eu não tomar conta do armário some tudo, e ninguém ajuda em nada, termina e se debandam e nós precisamos conversar.

f) E a senhora acha que o local é a biblioteca?

Sim, poderia ser aqui. Nós viemos pra cá porque a sala do CRAS estava pequena. [...] Aqui faz falta, porque recentemente esse homem ele se afastou e ninguém foi atrás, ninguém sabe o porque [...] e ele era uma pessoa depressiva [...] [contou a história do homem que morreu] [...] a gente tem que ir atrás das pessoas, ir conversar, ir na casa [...] esses dias aqui me pediram pra eu ir conversar com os adolescentes, hoje em dia está difícil porque as pessoas humildes não tem como conversar com o pai e com a mãe e às vezes eles precisam se abrir com os estranhos, aí eu fui, então é muito importante. [...] podia ter um palestrante, um psicólogo [pra conversar com nós]. [...] Aqui a maior parte ninguém é colega [...].

g) A vivi me disse que a senhora é poeta, porque a senhora escreve?

Não, eu não escrevo, alguma coisa que eu lembro que escutei quando criança eu anoto e recito. E tem umas mensagens que eu transformei em poesia.

[recita poesia]

Ao considerar o processo de reconhecimento de si próprio, como uma ação contra hegemônica, percebemos como resultado o empoderamento individual. Bea, leitora da Biblioteca Comunitária do Arvoredo, integra o Grupo da Amizade, grupo de idosos que se reúnem nas quintas-feiras na biblioteca para ler e falar sobre literatura. Ela propõe novas soluções para o grupo da amizade e percebe que o baile e as festas não são suficientes. Esta senhora se sente tão pertencente ao espaço que sugere novas coisas, mas além disso, atua fortemente na construção das atividades. Bea busca a emancipação destes idosos a partir da construção de laços afetivos e das perguntas que a coloca em ação.

Assim, ao conversar com Bea percebemos o significado que ela dá à biblioteca ao dizer que

“Livro na prateleira cria pó onde ninguém lê e se a gente tem uma corrente de emprestar ou ler doa ou empresta que mais gente pode ler”.

A biblioteca deve ser um espaço sem cobranças ou multas em que a literatura deve circular. Bea destaca a facilidade ao empréstimo que ocorre na Biblioteca do Arvoredo, ponto citado como importante em um espaço mediador por Garcia (2007). O objetivo do espaço não é a organização do livro, muito pelo contrário, é a

formação do leitor e para isso, é preciso entender que ele necessita se sentir respeitado a partir das suas experiências e necessidades, isto é uma Ecologia da Temporalidade (Santos, 2007).

No destaque dado por Bea à biblioteca como um território de diálogo, afirmamos a relação com a fala da mediadora de leitura Vitória, ao proporcionar instantes terapêuticos entre os leitores. A literatura e a biblioteca para Bea devem se encontrar com o apoio entre os leitores, como uma amizade. Em relação a isso, Petit (2012) apresenta:

Claro que a leitura não é suficiente para fornecer tais representações e para restabelecer os que viveram dramas ou as inúmeras separações que são comuns na vida. São necessários vínculos sociais, amor, amizade, projetos divididos, às vezes outras práticas culturais — nós o veremos mais adiante — e, com frequência, um a intersubjetividade com profissionais da escuta, cuja palavra pode ser de grande ajuda. Afinal, somos seres de linguagem em perpétua busca dos "prazeres da expressão" (PETIT, 2012, p.48).

Da mesma forma se sente Bea, que deseja algo além da literatura e das festas, a leitora busca esse afeto, ao sentir uma carência por parte dos leitores. Bea propõe que vá à biblioteca um profissional a ser feita uma escuta entre os leitores. Petit (2012), salienta a importância do ato de ouvir nos espaços de leitura.

No quadro 2 relacionamos os três objetivos específicos deste trabalho com as falas dos leitores das Bibliotecas Girassol e Arvoredo:

Quadro 2- A voz dos leitores em consonância com os objetivos da pesquisa

Objetivos	Gão	Bea
<i>Mapear os processos emancipatórios</i>	Empoderamento: participação ativa da biblioteca	Empoderamento: participação e análise das ações Temporalidade: respeito ao tempo do leitor
<i>Narrativas sobre formação de leitores</i>	Deve começar pela infância	Corrente de empréstimo entre leitores
<i>Relacionar ações de formação de leitores com a práxis da emancipação</i>	Literatura como necessidade Bibliotecas prisionais	Afeto Diálogo

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Afirmamos a importância do empoderamento como um processo emancipatório por parte dos leitores, os quais atuam nas decisões do espaço e em suas atividades com outros leitores. A temporalidade do leitor é processo encontrado na Biblioteca do Arvoredo, ao ser respeitado o tempo do indivíduo para realizar a leitura.

No ponto de vistas das narrativas encontramos dois pontos diferentes, um direcionado à infância, em que a leitura deve iniciar mais cedo possível. Percebemos em Gão uma certa fatalidade ao dizer que é só na infância que se constrói o leitor, sendo que ele mesmo se descobriu leitor aos vinte anos de idade. Já Bea afirma a importância de uma corrente de empréstimo entre leitor, sinal de democratização do acesso ao livro.

As ações de formação de leitores relacionadas com a práxis de emancipação são a literatura por necessidade, em que o leitor tinha acesso ao livro em um espaço de crise, como o cárcere, sendo as bibliotecas prisionais espaço que pode ser emancipatório. Também relacionamos o afeto e o diálogo, sendo encontros importantes para construções cognitivas, como visto na Teoria Crítica (1995), Espinoza (2008), Petit (2012) e Freire, a partir de Decker (2010). A leitora da Biblioteca do Arvoredo se encanta a partir da literatura e acredita na importância do diálogo na construção de relações de amizade.

8 COLCHA DE RETALHOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros nas bibliotecas comunitárias nos proporcionaram momentos de renovação ao encontrarmos pessoas engajadas na luta pelo acesso à leitura. As três bibliotecas têm em comum a democratização do acesso ao livro a partir de ações que sejam comuns ou não. São espaços de formação de leitores, pois promovem o letramento literário (COSSON, 2014), são espaços mediadores (GARCIA, 2007) e realizam mediação de leitura literária (COSSON, 2014 ; PETIT, 2012 ; REDES DE LEITURA, 2015).

Mapeamos as narrativas sobre formação de leitores dos atores que constroem essas bibliotecas, sendo leitores e mediadores de leitura, e identificamos os seguintes conceitos trazidos por eles: linguagens artísticas diversas; literatura periférica; textos que se relacionam com os leitores; preocupação com a sinalização das estantes para promover autonomia do leitor; estratégias para promover o acesso à leitura como mala de leitura; ações nas praças e paradas de ônibus dos bairros; a necessidade da troca entre leitor e mediador; importância de se posicionar como mediador de leitura; as parcerias com a rede local; construção de uma comunidade leitora; biblioteca como centro cultural; sensibilização para a literatura; literatura para lembrar com os idosos; o protagonismo do livro; compromisso com as escolas do bairro, promovendo a literatura; livro como objeto de arte; formar leitores para formar cidadãos; biblioteca como extensão da casa; articulação com a rede local, nacional e municipal; respeito às subjetividades reconhecidas entre leitor e livro; letramento literário; o começo pela infância; a importância de uma corrente de empréstimo entre leitores; a literatura por necessidade.

Identificamos que os dois objetivos específicos - mapear os processos emancipatórios que ocorrem nas bibliotecas comunitárias e relacionar ações de formação de leitores com a práxis da emancipação - tem uma relação intrínseca. Em lugares que habitam leitores em contextos de crise (PETIT, 2012), seja pela violência, a precarização das escolas públicas, abusos, entre outros pontos que os leitores se permitem esquecer ou refletir, as bibliotecas visitadas remetem a ambientes cheios de afetos. Ele se dá na práxis em mediações de leitura da Biblioteca do Arvoredo, no silêncio no sarau na Girassol e no acolhimento como uma casa na Ilê Ará.

A revolução cultural é um processo emancipatório encontrado nas três bibliotecas que se relaciona com as atividades artísticas propostas, sendo integradas à literatura, transformando a biblioteca em um centro cultural, em que a comunidade se sente a vontade de habitar, os pais deixam seus filhos, as artes dialogam e são, principalmente, espaços de encontro da comunidade. Estão presentes a cultura afro-brasileira, africana, indígena, feminista, entre outros textos contra hegemônicos, sendo eles de literatura periférica como Sérgio Vaz, Carolina Maria de Jesus, ou de literatura autoral, que se relacionam com os leitores e são do Sul. Além de grafite, dança, música, yoga, meditação, entre outras ações culturais.

A auto reflexão crítica é percebida nas atividades holísticas como a meditação e yoga, as quais se relacionam com o uso contra hegemônico da ciência juntamente com outras ações como as plantas medicinais, pangs, valorização do conhecimento urbano marginal e popular (escrita autoral dos leitores e espaço de dizer a palavra por parte dos trabalhadores do bairro), ações que falam sobre feminismo e racismo.

As três bibliotecas são espaços mediadores que contam com mediadoras de leitura, que tem o compromisso político e pessoal. Seu desejo de serem chamadas de mediadoras é uma práxis da emancipação relacionada à formação de leitores, pois essas mulheres entendem o caráter político e social de seu trabalho com a literatura. A partir da leitura de mundo, as mediadoras promovem a conscientização dos leitores, cada uma de sua forma buscando estratégias que possam dialogar com a realidade que vivem.

As construções de atividades culturais são possíveis pelas articulações realizadas em escala local com as escolas do bairro, assim como articulações globais com a Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias, promovendo a Ecologia da Transescala. Estes contatos permitem desenvolver atividades conectadas com outros espaços culturais e aprender juntos o que é possível.

O respeito à temporalidade do leitor é um processo de emancipação presenciado em todas as bibliotecas. Na práxis ele se dá nas estratégias de empréstimo como a mala da leitura, o empréstimo flexível, não cobrar multa, que se relacionam com um espaço mediador. Assim como, o entendimento da educadora de que os leitores tem seu tempo de sensibilização com a leitura. O silêncio e o caos fazem parte desta compreensão do tempo do leitor. A Biblioteca Girassol e Ilê Ará relatam a organização do espaço como um desafio, seja por falta de tempo ou por

não ter apoio técnico em biblioteconomia. Mesmo assim, as três bibliotecas tem estantes bem sinalizadas preocupando-se com a autonomia do leitor para encontrar seu livro.

Nas três bibliotecas, os mediadores procuram fazer a pergunta para conscientização, que é um processo emancipatório, nas ações de sensibilização anterior às mediações realizadas. A literatura por brechas como processo de práxis emancipatória ocorre nas bibliotecas, que em certos momentos encontram nesta estratégia o caminho para construção de uma relação com os leitores. Como na metáfora da Máscara de Anastacia, em que a literatura entra nas brechas e pode fazer a máscara se desfazer.

O empoderamento individual se deu na práxis através da ajuda na organização da biblioteca e a participação efetiva na construção das atividades. O empoderamento coletivo foi percebido na construção de uma comunidade leitora que se reúne no espaço, ou através dos coletivos que mobilizam as bibliotecas e na formação de grupo de mediadores de leitura. O conceito de ser-mais (FREIRE, apud DECKER, 2010) é encontrado em Gão e no seu desejo de transformação, que se dá pela literatura. O diálogo é presente nas bibliotecas como construção das atividades, pós-mediações e nas trocas entre mediadores dos coletivos.

Podemos perceber ações culturais construídas pelos próprios moradores na Biblioteca Girassol, através de seus textos. A luta contra a alienação e a conscientização são vistas nas ações de debate sobre a conjuntura do país, o que também ocorre na Biblioteca do Arvoredo nas pós-mediações. A violência atingiu a Biblioteca Girassol duas vezes e os mediadores resistem através da revolução cultural, promovendo um movimento de tradução através da articulação dos movimentos sociais, como o Redes de Leitura, Coletivo Abrigo, entre outros, em que ocorre a tradução desses conceitos durante as atividades através do diálogo e de atividades práticas. O processo de emancipação política se dá nas ações de formação de leitores, a partir de uma posição anticapitalista, da Girassol, em que ocorrem debates sobre situações políticas e sociais brasileiras em conexão com textos literários.

Na Biblioteca Ilê Ará encontramos um público majoritariamente infantil e juvenil, que é atendido pelas escolas da comunidade e usam a biblioteca como um contraturno. A biblioteca tem um compromisso pedagógico com os leitores, não

através de tarefas, mas com a intenção de despertar o desejo pelo conhecimento e nas atividades de mediação de leitura, que é uma referência no espaço. Na busca pela democracia, todos falam e utilizam o espaço. É como uma casa compartilhada pelos leitores. As mediações de leitura nem sempre tem um debate ao final, a literatura mediada se constrói em cada leitor de forma autônoma. Em articulação com a escola, os professores também são agentes importantes, pois são ao mesmo tempo frequentadores da biblioteca e mediadores na escola. Como particularidade, a Biblioteca do Arvoredo tem a espiritualidade como proposta de luta contra a barbarização, pois busca oferecer um local de amor e afeto.

Entre diferenças e ações em comum essas três bibliotecas atuam na cidade de Porto Alegre em bairros periféricos e através da literatura buscam a formação de cidadãos emancipados, que tem diversas formas de contato com as palavras. O respeito dos mediadores é fundamental para que se construa leitores autônomos, como Matoub, através de Petit (2009) diz: “Não leio para fugir, porque não é possível fugir. Vou fazer uma frase de escritor: eu leio para aprender a minha liberdade”.

Este trabalho partiu da ideia de que formar leitores é um ato político, assim como educar, como afirma Paulo Freire. A relação com a formação de cidadãos foi percebida nas falas das mediadoras de leitura e apontada por Azevedo (2008). No sentido da emancipação, identificamos diversos conceitos que se relacionam em busca de uma sociedade democrática e emancipada. Afirmamos que as ações de formação de leitores realizadas pelas bibliotecas pesquisadas estão relacionadas diretamente com ações de práxis de emancipação, e podem servir de orientação para a construção de atividades por parte de mediadores de leitura e bibliotecários.

A emancipação contribui para a formação de leitores a partir do encontro que faz com a conscientização que a literatura pode promover, mas não só isso. Está majoritariamente relacionada com o ato de se reconhecer no mundo, pois as Ecologias dos Saberes (SANTOS, 2007) pressupõe apresentar o que permanece ausente.

Trazer o conceito de emancipação para a formação de leitores contribui para que possamos olhar a literatura como resistência e ação que pode promover a fala dos sujeitos silenciados. Traz a potência política do bibliotecário, que pode contribuir para a transformação de uma sociedade, em que todos os conhecimentos são valorizados através dos espaços biblioteca.

Biblioteca comunitária como produtora de ecologias dos saberes, transformando ausência em presença, pelos próprios autores desses saberes. É este território do encontro entre leitores e conhecimentos que deve ser valorizada e vista como centro cultural que está em luta por uma sociedade anti racista, anti machista e anti capitalista.

Assim, tendo em vista que as bibliotecas comunitárias estão nas periferias, em lugares que a população não é valorizada como culturalmente rica, os leitores empoderam-se através da literatura e se reconhecem no mundo. Lutam para que suas palavras sejam ditas, levando assim suas vozes, através da revolução cultural às grandes massas, à universidades, ou seja, aos espaços de poder, conhecimentos antes vistos como não existentes. Esta pesquisa ecoa suas vozes.

REFERÊNCIAS

ADORNO. T. W.. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

ALVES, A. L.. **Incentivo à leitura**: estudo de caso da biblioteca comunitária Ilê Ará e seus projetos de fomento para com as crianças e adolescentes da comunidade do Morro da Cruz. 2012. 61 f. Monografia (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

AZEVEDO, R.. **Armadilhas para a formação de leitores**: didatismo, sistema cultural dominante e políticas educacionais. 2008. Disponível em <www.ricardoazevedo.com.br> Acesso em: 05 de out de 2017.

BAQUERO, R.V. A.. **Empoderamento: Instrumento de Emancipação Social?** - Uma discussão conceitual. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.

BIANCHI, B. **Dois conceitos de emancipação**. Ao Largo , v. 4, p. 42-55, 2017.

BORGES, J. L.. **Cinco visões pessoais**. 4. ed. Brasília: UnB, 2002.

BRITTO, L. P. L.. **Ao revés do avesso**. São Paulo: Pulo do Gato, 2015.

BRITTO, L. P. L. Literatura, conhecimento e liberdade. In: FNLIJ. **Nos caminhos da literatura**. São Paulo: Peirópolis, 2008.

CALEGARI, L.. **Brasil fica em 2º em ranking de ignorância sobre a realidade**. São Paulo: Exame, dez. 2017. Disponível em <<https://exame.abril.com.br/brasil/brasil-fica-em-2o-em-ranking-de-ignorancia-sobre-a-realidade/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&client=firefox-b-ab>>. Acesso em: 8 de abril de 2017.

CANDIDO, A.. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296648/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20C3%A0%20Literatura.pdf> Acesso em 03 de julho de 2017.

COSSON, R.. Letramento Literário. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Ferreira da Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (orgs.). **Glossário Ceale**: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. UFMG/CEALE, 2014.

DECKER. I. C. U.. **A categoria emancipação em Paulo Freire e suas contribuições para um processo de educação sexual emancipatória**. 200f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. 2010.

EMICIDA. [Frase dita em entrevista com Comunidade Empodera]. 2017. Disponível em <<https://www.facebook.com/ComunidadeEmpodera/posts/1809840069338838>>.

EVARISTO, C.. **Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”**. 2017. Disponível em

<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d>>. Acesso em 03 de maio de 2018.

FERREIRA, C. N. de C.. Biblioteca pública é biblioteca escolar? **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 11, n. 1/2, p. 9-16, jan./jun. 1978.

Disponível em

<<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/download/18175>>. Acesso em 30 de junho de 2017

FREIRE, P.. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P.. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P.. **A importância do ato de ler**. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011

FREIRE, P.. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, P.. **Pedagogia do oprimido**. 54 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREITAS, A.. **A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez**. 2016. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>> . Acesso em 05 de abril de 2018.

GARCIA, G. E.. Arquitetura das instâncias e ações mediadores. In: INSTITUTO C&A. **Prazer em ler**. v.2. 2007. Disponível em

<http://institutoce1.dominiotemporario.com/instituto/site/content/atuacao/prazeremler/materiais_de_apoio/pdf/publicacao_prazer_em_ler2.pdf> Acesso em 02 de julho de 2017.

GIBBS, G.. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009

GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T.. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009

GUARESCHI, P.. Empoderamento. In: STRECK, DANILO R.; RENDÍN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. 4ª Edição Retratos da Leitura no Brasil. 2016. Disponível em

<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf> Acesso em 08 de maio de 2018.

JESUS, P. B. M.. CONSIDERAÇÕES ACERCA DA NOÇÃO DE AFETO EM ESPINOSA. **Cadernos Espinosanos**, [S.l.], n. 33, p. 161-190, dec. 2015. ISSN 2447-9012. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/espinosanos/article/view/105572/107231>>. Acesso em: 03 de maio de 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2447-9012.espinosa.2015.105572>.

JEZINE, E. A concepção de emancipação em Paulo Freire para uma leitura de acesso à educação superior. **Revista da Faculdade de Educação** - Periódico do Programa de Pós-Graduação, Cáceres, Vol. 25, Ano 14, n.1 (jan./jun. 2016).

KAERCHER, G. E. P. da S.. As linguagens, a formação do leitor e a ação pedagógica cotidiana na educação infantil: apontamentos. In: Flores, Maria Luiza Rodrigues; Albuquerque, Simone Santos de (org.). **Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. P. 101-110.

MACHADO, E.. **Bibliotecas comunitárias como prática social no Brasil**. 2008. 184f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES NETO, J. C.. **Retratos da Leitura no Brasil 2015: Crescemos? Estamos lendo mais?** 2016. Disponível em <<http://biblioo.info/retratos-da-leitura-no-brasil/>> Acesso em 03 de abril de 2018.

MASSOLA, G.. **Reinventar a leitura: um olhar para as práticas de uma biblioteca comunitária**. Ensino Em Re-Vista, v. 18, n. 1, jan./jun. 2011.

MILANESI, L.. **A casa da invenção**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997. 271 p

MILANESI, L.. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1986. 261 p.

MOREIRA, C. E.. Emancipación. In: STRECK, DANILO R.; RENDÍN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Diccionario. Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PETIT, M.. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. 2 ed. São Paulo: Boldrini, 2012.

PETIT, M.. **Os jovens e a leitura**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

PLANO MUNICIPAL DO LIVRO E DA LEITURA (PMLL). Lei nº 11.226, de 5 de março de 2012. Institui o Plano Municipal do Livro e da Leitura (PMLL) no Município de Porto Alegre, cria o Conselho Municipal do Livro e da Leitura (CMLL) e dá outras providências. Disponível em <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/pml/>>. Acesso em 03 de julho de 2017.

PRIETO, H.. **Quer ouvir uma história?** São Paulo: Editora Angra LTDA, 1999

POGREBINSCH, T.. Emancipação: um conceito em busca de uma teoria. In: **ENCONTRO NACIONAL DA ABCP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA**, 4., Rio de Janeiro. *Anais eletrônico...* Rio de Janeiro, 2004. Área Teoria Política. Painele 2. Disponível em: <http://www.cienciapolitica.org.br/abcp/arquivos/programa_new.pdf>. Acesso em: 02 de dezembro de 2017.

PRADO, G. M.; MACHADO, Elisa Campos. Território de memória: fundamento para a caracterização da biblioteca comunitária. In: ENANCIB, 9., 2008. **Anais eletrônicos...** São Paulo: [s.n.], 2008. Disponível em: <<http://poseca.incubadora.fapesp.br/portal/eventos/ix-enancib-encontro-nacional-de-pesquisa-em-ciencia-dainformacao>>. Acesso em: 02 de março de 2018.

PUCCI, B.. **Teoria Crítica e Educação** (1ª Edição). In: Bruno Pucci. (Org.). Teoria Crítica e Educação: A questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 1a ed. Petrópolis, RJ: VOZES, 1994, v., p. 11-58.

REDES DE LEITURA. **Manual de Procedimentos**. 2014. (não publicado)

REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS. Contato. 2015. Disponível em <<http://www.rnbc.org.br/>> Acesso em 02 de julho de 2017.

ROSSARIO, R.. Domesticación. In: STRECK, DANILO R.; RENDÍN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Diccionario. Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

ROSSATO, R.. Praxis. In: STRECK, DANILO R.; RENDÍN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Diccionario. Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015

SANTOS, B. de S.. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M.. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder. Autonomia e desenvolvimento. In CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ed. Unijuí: Ijuí, 2005. – 256p. – (Coleção fronteiras da educação).

TRESSINO, C. S.. Entrevista com bibliotecária do Redes de Leitura. [3 de julho de 2017]. Porto Alegre. Entrevista concedida à Yasmin Wink Finger.

ZITKOSKI, J. J.. Educação e política para a emancipação: desafios na perspectiva do Sul. In: **Entre-linhas: educação, psicanálise e escuta**. Salvador: Edufba, 2016 P. 227-242

ZITKOSKI, J. J.. Diálogo/Dialogicidad. In: STRECK, DANILO R.; RENDÍN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) Dicionario. Paulo Freire. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

APÊNDICE A – ENTREVISTA E DIÁRIO DE CAMPO

1. PESQUISA DOCUMENTAL - PROGRAMAÇÃO CULTURAL DA BIBLIOTECA

- a) Onde está a programação?
- b) A programação é diversificada?
- c) Qual a regularidade da programação?
- d) Os leitores são protagonistas das atividades ou apenas participante ou ouvintes?

2. ENTREVISTA COM MEDIADOR DE LEITURA

- a) Como você percebe o perfil da comunidade? O que ela busca na biblioteca?
- b) Você pode contar um momento especial que viveu na biblioteca com os leitores?
- c) Das ações de mediação de leitura, quais são as que você considera que têm mais dificuldade?
- d) Você pode contar como foi quando você entrou na biblioteca e o que mudou de lá pra cá, relacionando com essas atividades de formação de leitores?
- e) Como você se vê na biblioteca? Seu papel?
- f) O que é oferecido para diferentes públicos?
- g) Como você percebe a formação de leitores?
- h) Como é construída a programação cultural?
- i) Como são divulgadas as atividades da biblioteca?

3. ENTREVISTA COM LEITOR

- a) O que você mais gosta de fazer na biblioteca?
- b) Você gostaria que tivessem mais atividades? Quais?
- c) O que você mudaria na biblioteca?
- d) Você pode relatar alguma atividade que ocorreu na biblioteca e você gostou muito?
- e) Como é a sua relação com as pessoas que estão na biblioteca?

f) Você participa da construção das atividades da biblioteca?

4. OBSERVAÇÃO

- a) Local da observação, data, dia da semana
- b) Qual a programação da biblioteca para o dia de hoje?
- c) Como foi a chegada/recepção?
- d) Como foi o contato com os leitores? Te receberam bem? O que eles estavam fazendo?
- e) Como está a organização do espaço?
- f) Descreva o início da atividade. Acolhida.
- g) Na atividade os leitores participaram? Como?
- h) Existem mais homens ou mulheres na atividade?
- i) Como é a integração entre o mediador de leitura e os leitores?
- j) Quais são os livros utilizados para a atividade?

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Participante,

Meu nome é Yasmin Wink Finger, sou estudante do 8º semestre de biblioteconomia na UFRGS. Sou entrevistadora da pesquisa “Formação de leitores e cidadania: as bibliotecas comunitárias e os processos emancipatórios” que tem como orientador o prof. Valdir Morigi e co-orientadora a prof. Ketlen Stueber.

A pesquisa tem como objetivo compreender como a práxis de emancipação auxilia na formação de leitores e na construção da cidadania.

Sua participação é voluntária e envolve responder uma entrevista. Se você quiser desistir a qualquer momento, tem liberdade para isso.

Na divulgação dos resultados da pesquisa, sua identificação só ocorrerá se você autorizar neste documento.

Estou à disposição para esclarecer qualquer dúvida sobre a pesquisa.

Atenciosamente,

Assinatura do pesquisador

Consinto participar deste estudo

- () Autorizo a divulgação do meu nome
- () Não autorizo a divulgação do meu nome

Assinatura do participante

Local e data